

**Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich**

**Qual a perspetiva das crianças sobre o conceito de família?**

Cátia Marina Lima Gonçalves

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada  
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Orientador: Paulo Pires do Vale

Julho de 2015





**Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich**

Qual a Perspetiva das crianças sobre o conceito de família?

Cátia Marina Lima Gonçalves

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Orientador: Paulo Pires do Vale

Julho de 2015



“A família é uma instituição social que regula grande parte do sistema de relações entre pessoas e destas pessoas para com o resto do mundo.” (Silva L. F., 2001, p. 21)



### **Dedicatória**

Dedico este relatório à minha mãe, Vera, pois sem a sua ajuda e apoio não teria sido possível chegar até esta etapa. Obrigada por teres confiado sempre em mim, e demonstrado amor, amizade e confiança.





## **Agradecimentos**

Aos docentes que me acompanharam ao longo do meu processo de formação, tanto na Licenciatura como no Mestrado.

Ao professor Paulo Pires do Vale, orientador deste relatório, por todo o acompanhamento, pela sua disponibilidade e partilha.

À professora Margarida Marques, orientadora da prática de Ensino Supervisionada, pelo seu apoio, partilha de experiências e acompanhamento.

À educadora cooperante Margarida Avelino, por toda a sua disponibilidade, partilha de experiências e informações.

Ao grupo de criança, pelo carinho, amizade, ensinamento e acima de tudo, por terem tornado possível a realização deste relatório.

À minha mãe Vera e às minhas irmãs Beatriz e Liliana por terem sempre acreditado em mim, por tornarem possível realizar este sonho e por todo o carinho, amor e confiança.

Ao meu namorado, Pedro, por ter acreditado sempre em mim e pelo encorajamento.

Aos meus avós Mimi e Lima, por todo o amor, apoio e por toda a disponibilidade.

Às minhas amigas Joana Condeixa, Marta Lopes, Alexandra Janeiro e Rita Duarte que me acompanharam e apoiaram ao longo deste mestrado.

À minha amiga Filipa Costa que me incentivou a realizar o Mestrado na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

A todos aqueles que colaboraram para a realização deste meu relatório final de forma direta ou indireta.

Muito Obrigada!



## **Resumo**

O presente relatório foi realizado no âmbito da prática de Ensino Supervisionada, para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar.

Este relatório resulta de um estudo que teve como base a minha intervenção com as crianças, sujeitos desta investigação e que procurou saber qual a perspetiva que as crianças têm sobre o conceito de família.

Assim, os objetivos deste estudo passam por perceber se a tipologia familiar, as características da criança, entre outros fatores influenciam o conceito de família por elas construído, tendo como base para análise das entrevistas e dos desenhos sobre a família, realizados por cada criança. Com estes dois instrumentos, pretendo responder às questões: “Qual o conceito de família construído pelas crianças?” e “Quais os fatores que influenciam o conceito de família nas crianças do Pré-Escolar?”.

Para a realização deste estudo, foi utilizada uma metodologia do tipo qualitativa exploratória, que me permite desenvolver conjeturas, estabelecer uma relação afetiva com as crianças e modificar ou clarificar conceitos acerca do tema a explorar.

**Palavras-chave:** Crianças, Família, Vinculação.



## **Abstract**

This report was done in order to obtain the Master Degree level in Pre-Scholar Education, in a supervised teaching environment.

This is the outcome of my personal intervention with children, subjects of the investigation that sought to know what where the children's perspective on the concept of family.

Therefore based on interview analysis as well as their family drawings the main objectives of this study are manly to understand whether family types, children's characteristics among other factors are influences to the concept of family they build. With the two mentioned instruments – the drawings and the interviews – I intend to answer the questions “What is the family concept built by children?” and “What are the factors that influence the concept of family that pre-school children build?”.

For this study I chose an exploratory qualitative methodology that will allow me to develop conjectures as well as establish affective relationships with the children as to modify or clarify some concepts concerning the explored theme.

**Keywords:** Children, family, bonds







# Índice

Resumo .....	ix
Abstract .....	xii
Introdução .....	xvii
1. Definição do tema e problemática .....	xvii
2. Definição de objetivos .....	xviii
3. Caracterização da Instituição .....	xviii
4. Estrutura do relatório .....	xxii
Capítulo I – O Conceito de Família na Infância .....	xxv
1. A criança - breve perspectiva histórica da sua definição e do estudo do seu desenvolvimento .....	xxv
2. Conceito de Família .....	xxvi
3. Desenvolvimento da Vinculação .....	xxviii
4. Modelos Familiares.....	xxix
5. Papéis Familiares .....	xxxi
5.1. Papel Maternal e Paternal .....	xxxii
5.2. O Papel dos Avós .....	xxxiii
5.3. Ter irmãos ou ser filho único .....	xxxiv
6. Relação Pais-Filhos .....	xxxv
7. Família-Trabalho .....	xxxvii
8. O conceito de família na perspectiva da criança.....	xxxviii
Capítulo II – Metodologia .....	xl
1. Identificação do problema.....	xl
2. Objetivos do estudo.....	xli
3. Natureza do Estudo .....	xl ii
3.1. Paradigma Qualitativo .....	xl ii
3.2. Estudo de Caso .....	xl iv
4. Casos Estudados .....	xl v
4.1. Caracterização dos casos selecionados .....	xl vi
5. Técnicas/ Instrumentos utilizados no estudo de caso .....	xl vi
5.1. Inquérito através da Entrevista .....	xl vii
5.2. Entrevista com Crianças .....	xl ix
6. Tratamento dos dados .....	l
Capítulo III – Apresentação e Análise dos Resultados .....	lii

Discussão de Resultados .....	lviii
Capítulo IV - Considerações Finais .....	lxii
1. Resposta à problemática.....	lxii
2. Recomendações para futuros estudos/investigações.....	lxiv
Referências Bibliográficas.....	lxvi
Anexos .....	lxx

## **Introdução**

Este relatório surge no final de todo um percurso académico que muito apreciei, até porque considero que nasci mesmo para estar com crianças.

Ingressei na Licenciatura em Educação Básica na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria, que considero ter sido uma Licenciatura bastante prática, na medida em que tive, inclusive, a oportunidade de estagiar durante a mesma. Concluí os meus estudos na ESECS em 2013. Posteriormente, senti necessidade de aprofundar os meus estudos, até porque só uma Licenciatura nos dias que correm não me dariam habilitação para Educadora de Infância pelo que decidi ingressar na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich a fim de realizar Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar, tendo para o efeito realizado dois estágios, bastante intensos, ainda que de curta duração, e de onde surge então este Relatório final.

### ***1. Definição do tema e problemática***

Muito tem sido dito e escrito acerca do conceito de família para as crianças, contudo, não se trata só de um tema como, acima de tudo, um conceito que, nos dias que correm, está em constante mutação. Desta forma, considero que não só é um tema pertinente, como o estudo do conceito de família para as crianças no local onde me encontro a estagiar é, para mim, uma mais-valia, no sentido em que me permitirá conhecer melhor o meu grupo de trabalho.

Assim, e depois de alguma reflexão, o tema escolhido para este trabalho assenta no conceito de família, centrando-se a problemática deste Relatório, mais concretamente, em “Qual a perspetiva das crianças sobre o conceito de família?”

## **2. Definição de objetivos**

O objetivo geral definido para este relatório é perceber se a tipologia familiar, as características da criança, entre outros fatores influenciam o conceito de família por elas construído, tendo como base para análise das entrevistas e dos desenhos sobre a família, realizados por cada criança. Assim, e de modo a responder à minha problemática defini como questões:

1. Qual o conceito de família construído pelas crianças?
2. Quais os fatores que influenciam o conceito de família nas crianças do Pré-Escolar?

## **3. Caracterização da Instituição**

O jardim-de-infância encontra-se nas instalações atuais desde 1973. É uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) que integra outros dois jardins infantis e uma creche, no concelho de Peniche.

Esta Instituição surgiu com o intuito de dar resposta às necessidades da comunidade e das famílias do Concelho, contribuindo para o desenvolvimento global das crianças. Trata-se de uma instituição de cariz religioso que tem como missão desde há muito, educar, acolher e integrar as crianças, seguindo os valores da Doutrina Social da Igreja Católica.

O horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira, das 8:00 até às 18:30, sendo que a partir das 16:30, as crianças já se encontram no período da componente de apoio à família, que também integra as horas de refeições. Estas são asseguradas pelo jardim-de-infância e, normalmente, o almoço é pelo meio-dia, o lanche por volta das 16 horas e o suplemento a meio da manhã. A Instituição assegura o transporte tanto na recolha como na distribuição das crianças, em paragens pré-estabelecidas. Para usufruírem deste serviço, as famílias terão de comunicar à instituição qual a paragem mais conveniente. O jardim-de-infância está sediado na Rua Calouste Gulbenkian, em Peniche, junto ao lar de idosos pertencente, também ao CSCP, e as suas instalações são compostas por quatro salas de atividades: uma sala para um

grupo heterogéneo (três, quatro e cinco anos), uma outra para o grupo dos três anos, a sala para o grupo dos quatro anos e, finalmente, a sala do grupo dos cinco anos. Além destas, o jardim está equipado com refeitório, quatro casas de banho para as crianças, um dormitório, um pátio exterior apetrechado onde as crianças podem brincar, uma sala de materiais, uma sala de acolhimento, e zonas reservadas aos funcionários (casa de banho dos adultos, refeitório e sala de reuniões). É na cozinha do jardim-de-infância que são preparadas todas as refeições para a área da infância (jardins de infância e creche), assim como para o lar de idosos, e para o Centro de Acolhimento. Todas as áreas do jardim-de-infância são ligadas por um corredor de acesso, com bancos e cabides para as crianças.

Relativamente ao espaço educativo onde estive a estagiar durante dez semanas, considero que a sala tinha um espaço bastante reduzido, ainda assim, encontrava-se organizado por áreas, sendo elas: um espaço de biblioteca; a zona da “casinha”, a área da manta para os bons dias e outras atividades de rotina, reunião do grupo, um espaço denominado pela garagem, uma área com um computador e, finalmente, uma zona com mesas onde eram desenvolvidas a maior parte das atividades – expressão plástica, modelagem de plasticina, recorte e colagem, trabalhos de escrita, entre outros. Os espaços, ainda que bem definidos, em meu entender, estavam um pouco despropositados devido à evidente falta de espaço físico. No que diz respeito aos recursos humanos, no jardim-de-infância, existem quatro educadoras (uma em cada sala), cinco auxiliares de ação educativa (uma em cada sala, sendo que uma das salas tem duas auxiliares de ação educativa), duas auxiliares de serviços gerais, um professor de educação física, um motorista, uma psicóloga e uma educadora de apoio (intervenção precoce), três funcionárias dos serviços administrativos e uma coordenadora da Instituição. Na sala em que estagiava, pude contar com a presença de uma auxiliar e uma educadora, que muito contribuiu para o sucesso do meu estágio.

No que se concerne ao projeto educativo da Instituição este foi elaborado tendo em conta os valores da mesma e centra-se na necessidade e na vontade de introduzir a doutrina cristã na vida das crianças. Assim, o projeto intitulava-se “Dar Sentido”, uma vez que os nossos sentidos são o que nos põe em contacto com o mundo e com os outros. Somos talhados para o diálogo,

para o encontro... a relação! No fundo tratava-se de um projeto com dois sentidos – o de explorar os 5 sentidos e o de explorar o “sentir” para o despertar da Fé. O Projeto Dar 5entido sustenta e fundamenta o desejo de que todos os membros da comunidade educativa sejam intervenientes ativos na vida que se promove e desenvolve no quotidiano e, para além de caracterizar a Instituição, exprime o sonho, as intenções e consequentes implicações que o carisma do Centro Solidariedade e Cultura de Peniche imprime no ser e no agir em cada momento.

Para a concretização eficaz do projeto foram definidos uma série de objetivos gerais, nomeadamente, 1) Dar sentido aos novos saberes/conhecimentos; 2) Envolver as famílias no processo educativo no sentido de crescermos juntos/parceiros educativos; 3) Ajudar a criança a descobrir Jesus Cristo; 4) Organizar o ambiente educativo de forma coerente e segura, e 5) Proporcionar informação sobre os princípios pedagógicos e organizativos do C.S.C.P. Na implementação do projeto o jardim-de-infância segue dois Modelos preconizados no processo educativo, o Movimento Escola Moderna (MEM) e o High-Scope que servem de princípios norteadores a toda a ação desenvolvida. O MEM, refere-se a todos os níveis da educação, onde Sérgio Niza é um dos seus fundadores e líderes educacionais. Através deste modelo, pretende-se iniciar práticas democráticas (dar oportunidade à criança de escolher o que fazer, participar de forma ativa, eleger um colega para determinada tarefa, etc...) assim como difundir os valores e as significações sociais. O modelo refere a necessidade de manter um clima livre de expressão onde a criança reforça a valorização das suas experiências de vida, opiniões e ideias. De acordo com os seus princípios pedagógicos e conceções estratégicas, para os seguidores do MEM a escola é um espaço de iniciação às práticas de cooperação e solidariedade de uma vida democrática, sendo importante valorizar o trabalho conjunto para todos os níveis de educação; existir contacto e interação entre a escola e a sociedade; apelar à participação ativa dos pais na educação dos filhos (experiências, necessidades e interesses); considerar a evolução das crianças aos níveis: cognitivo, físico e social; contactar com a realidade no meio envolvente; e, realizar atividades de diversas áreas assim que a criança mostrar interesse. Este modelo decorre de três práticas convergentes, sendo elas: a conceção do município escolar, a

prática de integração educativa de crianças deficientes, e a organização dos cursos de Aperfeiçoamento Profissional. No que se concerne ao Educador, este deve criar com as crianças condições afetivas e sociais para que, em conjunto, se possa organizar um ambiente propício à partilha e aprendizagem de conhecimentos. Através da organização do ambiente da sala de atividades, feita pelo educador, favorece momentos de cooperação entre todos, o que leva a um maior respeito, autonomia e solidariedade. Quanto à avaliação, este modelo defende que deveria existir, maioritariamente uma avaliação formativa, onde se valoriza as comunicações das crianças; o acompanhamento dos processos das mesmas; a ocorrência de registos; e por último, o debate em grande grupo.

Quanto ao modelo High/Scope, este teve início nos anos 60 com David Weikart. Este método surgiu após o seu fundador ter adquirido experiência no ensino especial, onde predominavam crianças mais desfavorecidas, o que o levou a procurar uma solução para estes problemas, tentando sempre valorizar as aprendizagens ativas, feitas pelas crianças por meio de vivências diretas e imediatas que permitem à criança a construção de conhecimento. Inicialmente as experiências de aprendizagem eram levadas a cabo pelo Educador, onde as crianças eram meros recetores, a quem cabia a função de aprender as várias tarefas piagetianas de acordo com os estádios de desenvolvimento. Piaget, também seguidor do High-Scope, acreditava que era importante referir a importância de a criança pensar em cada um dos momentos do seu percurso de desenvolvimento; construir o conhecimento em interação com o mundo físico e social, feito pelo sujeito; proporcionar à criança a oportunidade de ser o centro da sua própria aprendizagem. Relativamente à organização do espaço educativo, neste modelo, torna-se importante que os materiais tenham significado para a criança, pois elas necessitam de ser integradas num contexto de aprendizagem ativa, onde poderão realizar as suas próprias escolhas na tomada de decisões. Assim, para que isto seja possível, este método faz a divisão do espaço em áreas específicas de interesse, e nestas áreas, pretende-se que as crianças possam brincar autonomamente, sendo que, para tal os materiais deverão estar ao seu alcance. No High-Scope, é importante que se crie uma rotina, onde o tempo seja de experiências educacionais ricas e de interação positiva, para que isso aconteça é importante

que a estruturação das atividades tenham o contributo quer do educador, quer da criança. A rotina diária proporciona uma auto-organização da criança uma vez que, ao interiorizar a sequência das rotinas, esta começa a organizar o seu tempo de uma forma mais independente. Deste modo, a rotina fará com que a criança se sinta mais segura, uma vez que sabe o que pode esperar e não precisa de se sentir ansiosa com o querer fazer algo pois sabe que vai ter tempo para fazê-lo.

#### **4. Estrutura do relatório**

No que se concerne à estrutura, este relatório encontra-se dividido em três capítulos.

Primeiro temos uma Introdução, onde se apresenta o tema, os objetivos, onde se elabora uma caracterização da instituição de estágio e se expõe uma breve alusão ao seu projeto educativo e ainda se faz referência à estrutura do relatório.

O primeiro capítulo é referente à Revisão da Literatura, onde se procede ao estudo de autores que considere pertinentes e que, de certa forma, estudaram o conceito selecionado para o tema deste relatório, a família.

No segundo capítulo, a Metodologia, efetua-se a explicitação da metodologia adotada para o estudo efetuado, bem como se apresenta uma breve revisão literária justificativa para a escolha desta metodologia em detrimento de outras.

O terceiro capítulo diz respeito à Análise de conteúdo, aqui tendo em conta os materiais recolhidos é feita a ligação com a Revisão da literatura, nomeadamente com o que é defendido pelos autores estudados.

Segue-se a Conclusão, onde se resume e conclui a análise aos dados recolhidos e, finalmente, as Referências Bibliográficas e Anexos.







## Capítulo I – O Conceito de Família na Infância

Neste primeiro capítulo procede-se à análise de alguns conceitos que considere pertinentes para uma total percepção e compreensão do tema, estudados e abordados por diferentes autores. Os conceitos que considerei fulcral abordar são o conceito de família, o desenvolvimento da vinculação, modelos e papéis familiares, relação pais-filhos, criança na família, família-trabalho e a perspectiva da criança.

### ***1. A criança - breve perspectiva histórica da sua definição e do estudo do seu desenvolvimento***

Conforme consta no artigo 1º da Convenção sobre os Direitos da Criança, “(...) criança é todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo.” (UNICEF, 1989).

A verdade é que as crianças nem sempre foram entendidas como tal e o conceito de criança como agora o conhecemos foi sendo construído ao longo dos tempos, em muito graças aos estudos que foram sendo realizados por médicos e especialistas que tentavam, acima de tudo compreender e estudar o desenvolvimento das crianças. Tal como referido por Papália, Olds and Feldman (2001) na Idade Média as crianças eram percebidas como adultos em ponto pequenino, mais fracas e menos inteligentes, não havia sequer o conceito de infância, isto de acordo com fontes históricas. Mais tarde, entre os séculos XIV e XVII eram como que bibelots com a função de distrair e entreter os adultos. Só a partir do século XVII é que as crianças passaram a ser distinguidas qualitativamente e tratadas de forma diferenciada dos adultos.

Os estudos científicos dedicados ao desenvolvimento da criança tiveram o seu início, de acordo com os autores acima referidos, por volta do século XIX e, na verdade, este é um campo de estudo que está em constante evolução e hoje o estudo do desenvolvimento da criança faz parte, e complementa, o

estudo do desenvolvimento humano, ou seja, compreendido desde o momento da concepção à morte.

## **2. Conceito de Família**

“A família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre os dois sistemas.” (Ministério da Educação, 1997, p.43)

O termo família é pouco específico e torna-se cada vez mais difícil de definir. De acordo com Porot (1978) a dificuldade está nas sucessivas transformações a que está sujeita devido a vários fatores, quer sociais, económicos ou políticos. Assim, as dificuldades de definir família, residem na diversidade da família, no ponto de vista das suas formas, das suas funções e das suas relações. À família pertencem os pais e os filhos, sendo que também abarca: avós, tios, tias, primos. Logo aqui, se consegue perceber que família acaba por abarcar todo um conjunto de pessoas que partilham laços de sangue, muitas vezes vivendo sob o mesmo teto, mas não só, crianças adotadas, apesar de não ter laços de sangue com os pais adotivos, não deixa de ser parte da família. Ainda de acordo com Porot (1978) existem dois critérios para definir família: o “mesmo sangue e um tecto comum” (p.7), podendo incluir no critério de teto comum as crianças adotadas, ou seja, em meu entender, o referido por Porot (1978) já está ultrapassado. Mas para além destes critérios, são ainda envolvidos os vínculos e os discursos que cada família adota, Saraceno & Naldini (2003) destacam os discursos religiosos, morais, legais, das tradições culturais, das políticas sociais. Para Porot (1978) a família é entendida como a coexistência de dois grupos, nomeadamente, os pais e os filhos, havendo entre estes uma relação de criadores e descendentes e defende que a existência de um casal não é suficiente para que exista uma família, mas que o conceito família surge com o nascimento de uma criança. De acordo com Lévi-Strauss, a família pode ser definida como “um par casado ou outro grupo de parentes adultos que cooperam na vida económica e na criação dos filhos, a maior parte dos quais, ou todos, residem em comum”

(Oliveira, 2002, p. 21). Mas, contrariamente às ideias que tenho vindo a apresentar, Oliveira (2002) refere também que há outros autores que desvalorizam o casamento e a heterossexualidade ou o facto de viverem juntos, de haver estabilidade e vinculação admitindo, assim novos modelos de família. Reforçando ainda esta ideia, a Organização Mundial de Saúde defende que o conceito de família não pode estar limitado aos laços de sangue, casamento, parceria sexual ou adoção.

Em suma, e tendo em conta os autores estudados família acaba por se poder definir num conjunto de pessoas, que normalmente vivem juntas e interagem entre si, emocionalmente ligadas. Mas, na verdade, e independentemente do tipo de família, esta deve ser percebida como um grupo de pessoas que pertencem a um sistema aberto, ativo e relacional, que não se limita ao indivíduo, mas que articula entre seus vários membros múltiplas componentes individuais. Assim sendo, a família deve “(...) assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial (...)” (Andolfi, Angelo, Menghi, & Nicolo-Corigliano, 1984, p. 18) dos seus elementos, sendo que cada um é único e deve ser reconhecido por isso, de forma a possibilitar o desenvolvimento da sua personalidade, tal como defendido por Osterrieth (1970). Assim, os vínculos que se estabelecem no seio familiar são muito importantes, pois a “verdadeira consolidação de qualquer célula familiar é o amor recíproco dos que têm que viver juntos” (Porot, 1978, p. 8).

Porot (1978) defende, também que a experiência que a criança adquire por fazer parte de uma família, facilita a sua aprendizagem, sendo que se lhe deve ser permitido experimentar, tentar, errar, cometer desastres, e recomeçar de modo a que a criança tenha domínio sobre si própria. Contudo, são muitas as vezes que isto não acontece, porque a família protege demasiado a criança, colocando-a numa redoma considerando que a está a preparar para a realidade. É com a família que a criança deve poder preparar-se para a vida, família deve estar atenta às necessidades e capacidades da criança, devendo-lhe proteção e observando o seu desenvolvimento como afirma Osterrieth (1970).

De acordo com Osterrieth (1970) existem três meios que devem ser contemplados na família: o meio afetivo, o social e, finalmente, o meio cultural. O meio afetivo pode ser resultante do facto de existir uma certa dependência

entre os vários membros da família que entre si partilham relações que por serem muito intensas faz com que se tornem afetivas. É, portanto, na família e com a família que a criança aprende a amar e a ser amada. O meio social, acaba por se traduzir no facto de a família ser o meio capaz de oferecer uma grande diversidade de relações, ou seja, todos os indivíduos com que a criança contacta, de alguma forma, ficam vinculados a si. É aqui que a criança desvenda comportamentos sociais mais importantes, como a cooperação e o respeito pelo outro. O meio cultural é aquele em que a criança aprende por imitação dos comportamentos e rotinas, e através da influência de tudo o que a rodeia a ser como os outros membros da família.

Resumindo, pode considerar-se que existe uma certa homogeneidade em relação ao conceito de família, homogeneidade essa que contempla as diferenças entre famílias e as diferentes famílias.

### ***3. Desenvolvimento da Vinculação***

Neste ponto, tenho como objetivo mostrar que a criança liga-se à pessoa que cuida de si, que responde às suas necessidades, não tendo de ser essa pessoa a mãe ou o pai biológicos.

A vinculação é, de acordo com vários autores, definido como o “vínculo recíproco e duradouro entre duas pessoas, (...), cada um contribuindo para a qualidade do relacionamento.” (Papalia, Olds, & Feldman, 2009, p. 205). Neste sentido, a criança e quem dela cuida devem estar predispostos a criarem um vínculo entre si, até porque é este que promove a sobrevivência da criança, logo desde bebé.

Quando Ainsworth realizou a Situação Estranha - técnica de laboratório utilizada para estudar a vinculação identificou três padrões de vinculação: a vinculação segura e duas formas de vinculação ansiosa ou insegura (evitativa e ambivalente). A vinculação segura identifica-se quando o bebé chora ou protesta pela ausência de quem dele cuida, procurando-o, por isso de forma ativa assim que este regressa para junto de si. Nestes casos, os bebés são, de acordo com o autor, cooperativos e raramente sentem raiva. A vinculação evitativa encontra-se no padrão em que o bebé raramente chora quando é

separado de quem dele cuida, e evita o contato com esse quando regressa. O autor defende que, geralmente, estes bebês não esticam os braços quando precisam de alguma coisa e não gostam de ser agarrados ao colo. A vinculação ambivalente, é aquela em que o bebê se torna ansioso mesmo antes da ausência de quem dele cuida, ficando extremamente perturbado com sua ausência e, quando essa pessoa regressa para junto dele, o bebê tão depressa o procura como resiste ao seu contacto. No fundo, de acordo com o autor, estes são bebês pouco exploradores e difíceis de agradar. Mais tarde, identificou-se um quarto padrão, a vinculação desorganizada-desorientada. Este padrão define-se pela demonstração de comportamentos contraditórios após o regresso da pessoa que dele cuida, por exemplo, procuram intimidade com o estranho e não com a mãe, tendo em conta a opinião do autor, são situações passíveis de acontecer em casos com mães insensíveis ou agressivas.

É importante o vínculo que se estabelece entre a criança e o cuidador, uma vez que “a segurança do apego parece afetar a competência emocional, social e cognitiva” da criança (Papalia, Olds, & Feldman, 2009, p. 209).

#### **4. Modelos Familiares**

Como referido anteriormente, a estrutura familiar tem vindo a modificar-se ao longo dos anos, por isso abordarei as famílias nucleares, as famílias monoparentais, as famílias reconstituídas e as famílias homossexuais, até porque, de acordo com Papalia, Olds, & Feldman (2009) para se conseguir perceber qual o lugar que a criança ocupa na família é necessário olhar para a estrutura familiar.

Nas famílias nucleares existem dois progenitores de sexos diferentes e os respetivos filhos biológicos, adotados ou enteados, e este tem sido o modelo da família dominante nas sociedades ocidentais. Atualmente, de forma maioritária as famílias têm menos filhos e tanto o pai como a mãe trabalham fora do lar e nota-se um crescimento do modelo monoparental. Gesell (1977) afirma que existe “(...) um número maior de crianças criadas só pelo pai, ou mais geralmente, só pela mãe” (p. 343), resultantes das mais diversas

situações, como por exemplo, divórcio ou separação, de pai ou mãe solteiros, ou de perda por morte. Para o autor esta estrutura é entendida como um fator de risco para o desenvolvimento psicológico da criança. Ainda nesta linha de pensamento, Papalia, Olds e Feldman, dizem que estas crianças “(...) tendem a ficar atrás, em termos sociais e educacionais” (2009, p. 367). Estes factos não devem ser encarados como estanques uma vez que pode variar de família para família, entrando aqui em jogo todo um conjunto vários fatores, como a idade e o nível de desenvolvimento da criança, as circunstâncias financeiras da família, se há ou não frequentes mudanças de residência, entre outros.

Saraceno & Naldini (2003) definem, ainda, o conceito Família Reconstituída ou Família Recompota, como aquelas famílias que se formam através da união de divorciados. Esta estrutura existe desde sempre, por exemplo, quando um viúvo ou viúva voltavam a casar, no entanto as causas mais frequentes hoje são a separação e o divórcio. De acordo com os autores, este tipo de família existe quando, pelo menos um dos cônjuges, provém de um casamento anterior e, nesta estrutura, os autores identificam, ainda, dois aspetos bastante significativos:

- Ausência de filhos de casamento anterior. Esta família é em tudo semelhante a qualquer nova família que nasça de um primeiro casamento;
- Existência de filhos de casamento anterior. Nesta situação a “(...) lealdade da criança em relação à mãe ou ao pai ausente ou morto(a) poderá interferir na formação de vínculo com o padrasto ou a madrasta.” (Papalia, Olds, & Feldman, Desenvolvimento Humano, 2009, p. 368) Quando só um cônjuge tem filhos, e se o outro progenitor estiver vivo e mantiver relações com os filhos, estes pertencem às duas famílias. Quando ambos os cônjuges têm filhos de casamentos anteriores, “(...) e/ou quando têm filhos em conjunto” (Saraceno & Naldini, 2003, p. 76), podem viver todos juntos “(...) ou transitar por períodos mais ou menos prolongados” (*ibidem*).

Os autores afirmam que Já em adultas as pessoas que viveram em famílias reconstituídas tinham menos propensão para recordar uma vinculação



segura, e que demonstravam não se sentir bem tanto emocionalmente, como socialmente e psicologicamente.

As famílias homossexuais, em que os dois cônjuges são do mesmo sexo, tem vindo a utilizar diversos métodos para poderem ser pais: criam filhos nascidos de relacionamentos heterossexuais anteriores, concebem por meios artificiais, alugam mães substitutas ou recorrem à adoção. Existem vários estudos realizados sobre o desenvolvimento de filhos de homossexuais. Estes estudos confirmam que “não há nenhuma diferença consistente entre pais homossexuais e heterossexuais em termos de saúde emocional ou de aptidões e atitudes para educar os filhos” (Papalia, Olds, & Feldman, 2009, p. 369). É de referir inclusive que os autores afirmam que pais abertamente homossexuais têm um relacionamento positivo com seus filhos.

## ***5. Papéis Familiares***

Sendo uma família composta por vários indivíduos, cabe a cada elemento uma função, sendo que a sua mudança implica “(...) mudança simultânea nas funções complementares dos outros (...)” (Andolfi, Angelo, Menghi, & Nicolo-Corigliano, 1984, p. 19). Deste modo, uma família é caracterizada tanto pelo crescimento do indivíduo como pela contínua reorganização desse sistema familiar. Quando existe união familiar mas também a individualização dos seus membros familiares, cada pessoa desenvolve uma imagem diferente mas estável.

De acordo com Marinha (1989) no seio familiar, consideram-se três papéis fundamentais: pai, mãe e filho (s), mas também outros que ainda não sendo principais são de certo modo de relevantes, sendo que aqui só irei referir os avós. O autor atribui a cada membro uma referência, ou seja cada um é o representante de um determinado valor. Assim, defende que o pai é o representante da autoridade, a mãe representante do amor, os irmãos correspondem à rivalidade e o lar à solidariedade. Contudo, considero que estas funções já não podem ser encaradas como rígidas, uma vez que o papel que cada um representa, é diferente de família para família e com os tempos tem sofrido alterações, tal como defendido por Santos (2010), que vai mais

longe e defende mesmo a alternância de funções entre a função maternal e a paternal dependendo das necessidades dos filhos, desmistificando, assim, a rigidez da atribuição de funções no seio familiar.

Ao longo dos pontos que se seguem procedo a uma breve explicitação do contributo de cada elemento familiar para a própria família e para a criança, de acordo com as pesquisa efetuada.

## **5.1. Papel Maternal e Paternal**

Silva (2001) afirma que o facto de duas pessoas passarem a ser mães e pais “(...) é sempre uma situação de crise, uma vez que envolve uma reestruturação interna - sentimentos, prioridades, projetos” (p. 131) e também uma alteração dos papéis sociais.

Ao contrário de Marinha (1989), e de acordo com Osterrieth (1970) a mãe representa não só o amor como também a autoridade, porque no fundo a mãe é a primeira autoridade que a criança conhece e confronta. Por sua vez, Marinha (1989) defende que os pais devem compreender o papel que compete a cada um, sem caírem no exagero das suas atribuições, mas ao mesmo tempo, sem pecar por insuficiência. A mãe não deve confundir amor com pieguice e o pai não deve confundir autoridade com violência, ambos estão de igual modo implicados no processo educativo dos seus filhos.

No que se concerne a autoridade, considero importante referir Kentenich (1984) que afirma que a autoridade dos pais está intimamente ligada com o facto de terem sido geradores de vida, logo se criaram vida são moralmente responsáveis pelo seu cuidado, proteção e apoio, bem como Fernandez (1994) que afirma a autoridade deve ser entendida como a capacidade de proteger, amar, servir e estimular o crescimento da vida que se gerou.

Ainda no que se concerne à mãe e ao seu papel, Gesell (1977) refere que é importante que esta não se isole dos filhos nem que viva exclusivamente para os filhos, uma vez que nenhuma destas situações beneficiará qualquer um dos elementos, sendo o ideal encontrar um meio-termo. Marinha (1989) afirma que é certo que a qualidade da relação mãe-bebé vai contribuir para definir a atitude e personalidade da criança, e mais tarde do adulto, não só para com os

outros mas também, para com a vida, e Osterrieth (1970) defende que para a criança, a mãe corresponde à primeira relação com os outros.

No que se refere ao pai e ao seu papel, segundo Osterrieth (1970) e ao contrário do que defende Marinha (1989) este é muitas vezes visto como uma personagem secundária nos primeiros anos de vida da criança, porque não foi ele o gerou e não lhe dá de mamar. Em meu entender, parece-me óbvio que não pode ser o pai a cumprir estas funções, contudo nos dias que correm os pais tendem a participar mais ativamente nos cuidados da casa e dos filhos, tal como defende Gesell (1977) pelo que não me parece que de facto seja um personagem secundário. Tanto que, de acordo com Osterrieth (1970) o pai é definido como o amor e a segurança da mãe e do filho. A importância do pai para a criança é enorme, apesar de se verificar mais tarde do que a da mãe, uma vez que é através do pai que a criança ganha conhecimento de uma maneira de ser diferente da da mãe, ou seja, o pai mostra-lhe uma outra realidade, tanto que a criança vê o pai como o protetor capaz de afastar de si todos os perigos.

É ainda de referir, que o pai ao intervir de forma lúdica, brincando com a criança e usando diversos jogos, mesmo que de forma irregular, “(...) contribui tanto para o desenvolvimento cognitivo e geral da criança como a intervenção mais regular da mãe.” (Oliveira, 2002, p. 113)

## **5.2. O Papel dos Avós**

Explicitar o papel dos avós, apresenta-se-me como uma tarefa difícil, uma vez que considero que eles representam um papel complexo aos mais variados níveis. De acordo com Porot (1978) no meio familiar os avós estabelecem relações com os pais e com os filhos, ou seja, os netos, e os avós são muitas vezes fundamentais na contribuição e numa ajuda útil ao lar, por exemplo, prestando ao casal apoio moral ou material. Contrariamente ao que se pensa, o autor defende que os avós têm um papel de autoridade, sendo que esta deve ser complementar em relação à dos filhos, esta figura familiar deve apoiar os pais na sua conduta em relação aos filhos sem os substituir, tanto que para a criança, os avós devem ser a confirmação da autoridade dos pais.

Gesell (1977) defende a ideia que faz parte da criança com 6 e 7 anos gostar de fazer jogos com a avó e de se portar melhor com os avós do que com os pais, na medida em que dos avós, as crianças podem sempre contar com calma, paciência e abertura para as suas brincadeiras e confidências. Porot (1978) vai mais longe e afirma que os avós servem para escutar as suas queixas contra as injustiças de que se acha vítimas por parte dos pais, desempenham um papel, que não puderam fazer com os filhos, na medida em que o dever educativo não está nas suas mãos e eles acabam por se permitirem a dar “livre curso aos seus sentimentos” (Porot, 1978, p. 158).

### **5.3. Ter irmãos ou ser filho único**

O facto de a criança ter irmãos ou ser filho único, pode ser muito importante para o seu futuro, uma vez que há autores que defendem que certas capacidades como o companheirismo e a cooperação parecem ser mais desenvolvidas quando se está em contacto com outras crianças.

Osterrieth (1970) afirma que se é verdade que os pais desempenham um papel fundamental na vida da criança, também os irmãos influenciam na estruturação da personalidade infantil. Papalia Olds, & Feldman (2009) referem que as crianças que têm irmãos se relacionam melhor com colegas do que as crianças que são filhos únicos, sendo que a qualidade do relacionamento entre irmãos pode ainda ditar a qualidade de relacionamento com os colegas. Gesell (1977) refere que aos 6 anos as crianças gostam de ensinar irmãos mais novos e que estão sempre em conflito com irmãos mais velhos, mas que aos 7 anos se passam a entender melhor. O autor refere, ainda que é típico e normal que entre irmãos exista sempre alguma rivalidade, mas também afeição, interesse, companheirismo e influência, sendo a rivalidade demonstrada através dos já referidos conflitos e, simultaneamente através de reconciliações que podem ser entendidas, segundo o autor, como eventuais oportunidades de socialização.

Para Gesell (1977) “os filhos únicos tendem a ser mais maduros e motivadores para realizações e a ter uma auto-estima mais elevada.” (p. 307). Estas crianças têm melhores desempenhos porque os pais têm mais tempo

para elas, dão-lhes mais atenção e esperam mais deles. Mas como diz Porot, para estas crianças muitas vezes “o ter prevalece sobre o dar” (1978, p. 191).

## **6. *Relação Pais-Filhos***

Papália, Olds and Feldman (2001) referem que as relações pais –filhos foram sofrendo alterações ao longo dos tempos, ainda que seja quase consensual que a maioria dos pais usufruíam da companhia dos filhos, preocupavam-se com questões básicas do seu desenvolvimento, como os autores referem, e também sofriam quando as crianças adoeciam e encaravam a educação dos filhos como o desafio mais importante das suas vidas.

Geralmente, os pais são forçados a deixar os seus filhos com outras pessoas devido a vários fatores, nomeadamente o trabalho ou por puro prazer, e isto, como defendido por Berge (1978) pode levar a que a criança sinta que a rejeitam porque não a amam, de tal forma que no momento do reencontro, é importante que os pais tentem proporcionar momentos alegres, a fim de evitar que a separação não se transforme numa frustração. Atualmente, parece ser do senso comum que, cada vez mais por exemplo devido ao mercado profissional muito competitivo e à igualdade de género no mercado de trabalho, tanto a mãe como o pai estão longe dos filhos, dando-lhes pouca atenção e que isso, muitas vezes, tal como referido em Andolfi, Angelo, Menghi, & Nicolo-Corigliano (1984) interfere com o bom funcionamento da família, nomeadamente com o ser e o educar, tal como defendido por Pires (2007).

Ou seja, é extremamente importante para o desenvolvimento emocional da criança a existência de um relacionamento salutar entre a criança e os pais, isto porque, as crianças vêem os pais como um exemplo a seguir, identificando-se num primeiro momento com o membro do sexo oposto e é talvez por isso que é do senso comum dizer que existe mais rivalidade entre pai e filho do que entre pai e filha e o mesmo acontece em relação às mães e às filhas. No entanto, é comum que um menino de três anos imite o pai na maneira como fala, nas ações ou até a brincar aos pais e filhos. É por isso muito importante a existência de um bom “ambiente que cerca as crianças (...) [e] qualidade das relações no meio familiar” (Berge, 1978, p. 16). As crianças vêem nos pais um

modelo a seguir e se o pai ou a mãe não dão atenção aos filhos, estes vão achar que é normal não dar atenção aos filhos, tornando-se mais tarde pessoas distantes.

Se noutros tempos os pais tinham uma relação mais distante com os filhos, isso não queria dizer que, não existisse um bom relacionamento entre pais e filhos ou que os filhos não se identificassem com os pais, na verdade, simplesmente não brincavam com os filhos, ao contrário que se verifica atualmente, no sentido de haver um esforço da parte dos pais que tentam dedicar mais tempo e brincar com os filhos. Apesar de se considerar que é importante os pais brincarem com os filhos, não é só através da brincadeira que se constroem relações, tem de haver, também o contacto físico. O autor refere que as maneiras e os comportamentos das crianças estão relacionados com a influência exercida pelos pais, ou seja, se a influência for positiva, os comportamentos à partida também vão ser positivos. Neste sentido, o autor defende que para que os pais exerçam uma influência favorável os filhos devem sentir que os pais estão, de facto, interessados neles, até porque se as crianças se sentirem amadas e aprovadas pelos pais, vão-lhes dar valor, respeito e tentar agradá-los.

No caso das raparigas que não passam pela experiência de se identificarem com os pais num primeiro momento, ou que não conheceu a figura paternal na primeira infância, mais tarde podem vir a ter algumas dificuldades de se relacionar com pessoas do sexo oposto. Assim, é de referir que as atitudes tanto do pai como da mãe têm influência nas atitudes dos filhos, no entanto, não se pode saber de antemão qual é a atitude que os filhos vão imitar.

Ainda no que se concerne à ausência, acima referida, são diversas as razões para que justificam a ausência do pai na vida dos filhos, Berge, (1978) refere algumas, nomeadamente, o ter de trabalhar fora do seu país, falecido, desaparecido ou por ter escolhido outro lar que não o lar do filho. A verdade é que, de acordo com o autor, quando existe esta ausência, seja lá qual for a razão, as consequências para a criança são em grande parte negativas. Koronaiou (2007) menciona os baixos resultados escolares das crianças e, posteriormente, a baixa participação no mercado de trabalho, como alguns dos comportamentos que resultam desta ausência e que são bastante prejudiciais

para a criança que se sente muitas das vezes desamparada. O autor refere que estas consequências acontecem na maioria com os rapazes e que nestes casos de perda, a criança “habitualmente reconstitui-o como fantasma” (Berge, 1978, p. 46), recordando as lembranças que ficaram do pai. Uma outra forma de ausência, a da destruição do lar que deu início a uma nova família, implica que a criança seja separada de um dos pais. Geralmente, os filhos menores ficam com as mães o que, de acordo com Berge (1978) pode fazer com que a criança não se sinta em casa de igual forma nos dois lares.

Segundo alguns estudos realizados, nomeadamente Koronaiou (2007) nota-se uma tendência nos homens de evitar terem filhos ou de sair da vida e da educação dos filhos em crises familiares, o que leva a crer que cada vez mais os pais têm consciência de que a destruição de uma família afeta e muito os filhos aos diversos níveis.

## ***7. Família-Trabalho***

Nos tempos que correm cada vez mais famílias sentem dificuldades em conseguir gerir o trabalho e o lar, podendo-se mesmo afirmar, tendo em conta Saraceno & Naldini (2003) que existe uma certa incompatibilidade, ou por outras palavras, uma difícil conciliação, entre a atividade profissional dos pais e a vida familiar. Ainda de acordo com estes autores, o conceito de família-trabalho relaciona-se com a interdependência entre a organização do tempo respeitantes às exigências do trabalho fora de casa e às exigências inerentes ao trabalho familiar.

Antigamente, a mulher não era instruída, cabendo-lhe o papel de dedicar o seu tempo aos trabalhos domésticos e à família, enquanto o homem, esse, entrava para o mercado de trabalho acabando por ser o único sustento da família. Com o decorrer dos tempos, começou a ser cada vez mais notório, noutros países, que a mulher para além de fazer o trabalho doméstico e de se ocupar com os filhos, trabalhava parcialmente fora de casa, contribuindo para o orçamento doméstico. No fundo, quando os filhos já estavam mais crescidos e, portanto, “terminada a fase de mais intensa exigência de trabalho familiar,

regressava ao mercado de trabalho”. (Saraceno & Naldini, 2003, p. 264) Com isto, deu-se então a alteração do modelo tradicional de família. Os autores afirmam, ainda, que esta mudança do modelo tradicional em que apenas o homem é que trabalhava, fez com que também os maridos assumissem o dever de participarem no trabalho familiar do lar, com a distribuição de tarefas. Desta forma, veio a verificar-se que a sobrecarga de trabalho gerava conflitos entre os casais e entre pais e filhos, o que fez com que as mulheres tivessem de reorganizar as suas prioridades para irem ao encontro das exigências da família, contudo, em meu entender, ambos – pai e mãe – têm igual responsabilidade para com o trabalho familiar e o profissional. Na verdade, os autores defendem que a entrada das mulheres para o mercado de trabalho, veio trazer algumas consequências para os filhos, que passaram a estar mais tempo nas escolas, logo emergiu a necessidade de haver um trabalho mútuo entre a escola e o lar das crianças. Se por um lado as mães, antigamente, estavam em casa e dedicavam grande parte do seu tempo aos filhos, agora, apenas uma parte do tempo dos pais pode ser dedicada diretamente à tarefa da educação, como defende Gesell (1977) criando assim a necessidade nos professores de, em conjunto com os pais, assumirem a tarefa de educar a criança a fim de a guiar no seu desenvolvimento.

## ***8. O conceito de família na perspectiva da criança***

Em meu entender, as perspectivas das crianças sobre a família podem ser muito vastas e geralmente estão relacionadas com o tempo que cada membro dispõe para estar, cuidar, tratar da sua família. Segundo Rabinovich & Moreira (2008) as famílias com níveis sócio educacionais mais altos são as que passam mais tempo fora de casa e não dão tanta atenção aos filhos, deixando-os muitas vezes aos cuidados de outras pessoas, tanto que os autores afirmam, no seu estudo que para compensar a falta de atenção que dão aos filhos, os pais acabam por lhes dar bens materiais, como é por eles exemplificado através da resposta dada por uma criança quando questionada sobre o significado de família, dizendo que a família “(...) dá roupa, tênis, sandália, chinelo...” (Rabinovich & Moreira, 2008, p. 4). Na análise que fazem



no caso das famílias mais desfavorecidas, de nível sócio educacional mais baixo, os autores defendem que muitas vezes o que acontece é que a família é muito grande e os vários membros têm relações próximas, e que nestes casos, a participação familiar não se restringe a quem mora na casa, acabando por ser na perspetiva da criança uma visão mais alargada do conceito de família. Assim, e para muitas crianças, a família corresponde a todas as pessoas que vivem na sua casa. Tendo em conta Rabinovich & Moreira (2008) existem, ainda, crianças que atribuem outros significados ao conceito de família, nomeadamente um significado afetivo, em que a família é o lugar de manifestação de amor, carinho, respeito, bondade e que não maltrata. Outras há, de acordo com os autores, que quando questionadas acerca do que é a família, acabam por atribuir funções a cada um dos membros da família como por exemplo os pais cuidam dos filhos e nestes casos as crianças podem querer dizer que os pais dão banho, alimentam, entre outras coisas. No fundo, estes autores defendem que a perspetiva das crianças em relação à família se prende com a forma como a vivenciam e conhecem, se para os de classes mais altas família é quem dá coisas, para as crianças mais desfavorecidas família é quem mora com eles, quem partilha a sua casa, outras ainda perspetivam a família como uma hierarquia em que uns cuidam e tomam conta de outros, ou simplesmente como aquelas pessoas que gostam deles e que manifestam carinho e amor.

## Capítulo II – Metodologia

O capítulo II tem como objetivo fazer uma apresentação do processo do estudo, fundamentando-o com autores de referência. Neste capítulo identifiquei a problemática que norteia o estudo, bem como a definição dos objetivos específicos. Aqui procede-se, ainda à descrição da metodologia e respectivos métodos e procedimentos selecionados para a realização desta investigação. Posteriormente, caracterizam-se as técnicas e os instrumentos tanto de recolha como de análise dos dados das entrevistas, elabora-se uma breve caracterização das fontes de informação e justificação das escolhas metodológicas. Tendo em conta o tempo disponível para a realização deste estudo bem como o tipo de investigação pretendida, optou-se por se realizar um estudo exploratório, assente na investigação qualitativa.

O tema escolhido foi sendo suportado pelo estágio, estreitando as observações com o que efetivamente pretendia abordar neste trabalho. Surgiu, assim, o interesse de estudar a forma como as crianças percebem o conceito de família e quais os fatores que influenciam a construção desse conceito.

### ***Identificação do problema***

Tal como referido anteriormente este relatório resulta do trabalho realizado durante o estágio no Pré-Escolar e para a identificação da

problemática, em muito contribuiu a investigação teórica que fui efetuando durante o meu percurso académico. Assim, e, depois de alguma reflexão acerca do que fui lendo, considero que a minha problemática gira em torno de “Qual a perspetiva das crianças sobre o conceito de família?”

Julgo que cheguei à problemática com relativa facilidade, uma vez que me identifico muito com o tema dos diferentes conceitos de família existentes, reconhecendo agora, e depois da pesquisa que efetuei que, provavelmente, os meus professores não lidaram com a minha situação familiar da melhor forma, talvez por não estarem dotados de conhecimentos acerca desta temática, na medida em que a “regra” de então eram as famílias ditas normais e eu passei a pertencer a uma das poucas, na altura, famílias monoparentais. No fundo, e porque sofri muito com a alteração da minha estrutura familiar, refletindo acerca do que me sucedeu e, tendo em conta que as crianças sofrem as alterações e perdas com muito mais intensidade, ainda que os adultos considerem que só fazem luto aquando das perdas por morte, a verdade é que para as crianças tudo pode eventualmente ser uma potencial perda para a qual, mais cedo ou mais tarde, terão de fazer o respetivo luto, elemento necessário e fundamental para a ultrapassarem, o que não me foi facilitado. Por isso, considero interessante averiguar de que forma o conceito se alterou e de que forma as crianças encaram e perspetivam eventuais alterações ou simplesmente estruturas familiares distintas.

## ***1. Objetivos do estudo***

Partindo da problemática definida, foram elaborados objetivos que norteiam o estudo, e servem, também, de enquadramento às questões desenvolvidas para a entrevista. Assim, foram definidos dois objetivos gerais, nomeadamente:

1. Identificar o conceito de família construído pelas crianças.
2. Identificar os fatores que influenciam o conceito de família nas crianças do Pré-Escolar;

A partir daqui, delineei uma série de objetivos específicos passíveis de observação por meio dos instrumentos de recolha de dados utilizados. Assim, pretende-se no final do relatório:

1. Perceber o conceito de família;
2. Conhecer a estrutura familiar da criança;
3. Identificar a importância que cada elemento familiar tem para a criança;
4. Conhecer que papéis/funções desempenham os elementos familiares.

### ***3. Natureza do Estudo***

#### **3.1. Paradigma Qualitativo**

Atendendo à problemática em estudo, “Qual a perspetiva das crianças sobre o conceito de família?”, pretende-se, acima de tudo, tentar compreender quais as funções que cada criança atribui a cada membro da família, bem como, a importância que cada criança atribui a esse membro. Para esse fim, optei por recorrer a uma investigação qualitativa interpretativa, uma vez que os dados recolhidos (dados pictográficos e entrevistas de perguntas abertas), promovem preferencialmente esta abordagem.

Na verdade, por se tratar de uma investigação exploratória em que não se pretende quantificar, mas conhecer e compreender os vários pontos de vista de natureza qualitativa do fenómeno, que neste caso se caracteriza pela perspetiva que as crianças constroem do conceito família, não faria sentido optar por outra metodologia, até porque numa investigação qualitativa é mais significativo o processo em si do que propriamente os resultados ou produtos que se dela se obtêm. Um estudo exploratório, de acordo com Marconi e Lakatos (1992) é composto por três características, nomeadamente, a capacidade de desenvolver conjecturas, a necessidade de estabelecer uma relação afetiva entre o entrevistador e o entrevistado e, por fim, a competência de modificar ou clarificar conceitos acerca do tema a explorar. Segundo Quivy e Campenhoudt (1992) as entrevistas de exploração completam, de certa

forma, as leituras efetuadas de forma a permitir ao investigador ter consciência de aspetos que apenas a sua experiência e leituras não o sensibilizaram.

Afonso (2005) refere que o material empírico qualitativo é constituído por textos de diversas origens, neste estudo serão pictóricos e orais, que o investigador deve explorar e mapear a partir dos seus objetivos de pesquisa, transformando esses dados num novo texto a partir do qual vai construir a sua leitura interpretativa. De acordo com o mesmo autor, esta metodologia implica três fases distintas. Uma primeira fase onde o investigador organiza os dados recolhidos. Na segunda fase, o investigador constrói grelhas de categorias resultantes da interação entre os eixos de análise que fazem parte da recolha de dados, categorias essas que obedecem a uma hierarquia, de modo a que possam ir sendo agrupadas como categorias específicas ou categorias mais amplas. Finalmente, uma terceira fase em que o investigador analisa e interpreta os dados. No fundo, o investigador escreve um texto interpretativo que responda às questões que nortearam o estudo, recorrendo aos registos realizados e que sustentem o enquadramento teórico de forma coerente, eficaz e efetiva. Neste tipo de investigação, tal como é referido por Freixo (2011) o investigador, tem como objetivo compreender de uma forma geral o objeto de estudo ainda que deva tentar compreender de forma absoluta e ampla o fenómeno em estudo. O autor defende que, para isso, tem de observar, descrever, interpretar, e apreciar tanto o meio como o fenómeno, tal qual como se apresentam, sem os tentar controlar.

Contudo, outros autores tecem diferentes conceções acerca do paradigma qualitativo. Bodgan e Biklen, (1994, pp. 47-50), por exemplo, caracterizam este tipo de abordagem definindo cinco características da mesma:

- Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal (p. 47);
- A investigação qualitativa é descritiva (p. 48);
- Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos (p. 49);
- Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva (p. 50);
- O significado é de importância vital na abordagem qualitativa (p. 50).

Na mesma linha de pensamento, Sousa e Baptista (2011) referem que a Investigação qualitativa centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou os valores. Não existe uma preocupação com a dimensão da amostra nem com a generalização de resultados (...) este tipo de investigação é indutivo e descritivo, na medida em que o investigador desenvolve conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados (...) (p. 56).

De acordo com, Frederick Erickson (1986, pp.119-161), a investigação qualitativa “engloba na expressão investigação interpretativa, procedimentos metodológicos diversos, designadamente: observação participante, etnografia, estudo de caso, interacionismo simbólico, fenomenologia ou, muito simplesmente, abordagem qualitativa” (Freixo, 2011). O autor qualifica as investigações, que tomam em consideração a dimensão na delimitação do objeto do estudo e nas opções metodológicas, como «interpretativas» uma vez que são o produto de um processo de explicação que desempenha um papel fundamental na vida social.

### **3.2. Estudo de Caso**

De acordo com Merriam (1988), um estudo de caso implica uma observação detalhada de um contexto, indivíduo, fonte de documentos ou de um acontecimento específico, onde geralmente as características de uma parte representam um todo. Assim, o estudo de caso, pressupõe que, a partir de um exemplo se possa chegar a um padrão (Bogdan & Biklen, 1994).

Bogdan & Biklen (1994) afirmam que um estudo de caso deve passar por várias fases. Em primeiro lugar, deve o investigador procurar locais ou pessoas que possam ser o objeto de estudo, de seguida, organizar as informações recolhidas sobre esses locais ou pessoas que possam ser objeto de estudo, de forma a avaliar o interesse das fontes de dados para os seus objetivos, posteriormente devem, então, começar a recolher os dados passando também pela sua análise afunilando sempre essa análise para que seja cada vez mais específica.

João Pedro da Ponte, caracteriza o estudo de caso como sendo:

Uma investigação que se assume como particularista, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse. (Ponte, 2006, p. 2)

Desta forma, o estudo de caso é uma investigação não experimental que se baseia no raciocínio indutivo e que depende fortemente do trabalho de campo tal como é defendido por Ponte (2006) quando caracteriza o estudo de caso, distinguindo-o pela sua natureza empírica, dado que este se baseia no trabalho de campo ou na análise documental, mas também pelo facto de não ser uma investigação experimental, uma vez que o investigador não pretende modificar a situação mas sim, compreendê-la.

### ***Casos Estudados***

Para este estudo de caso estabeleceu-se um limite de dez casos de entre um universo de dezassete possíveis, na medida em que me pareceu ser o suficiente para estabelecer uma amostra, bem como os mais significativos no que se concerne à sua interpretação.

Deste modo, os casos estudados têm idades compreendidas entre os 3 e 5 anos e frequentam o Jardim de Infância de Santa Maria em Peniche, tal como referido, foram seleccionados de entre um total de 17 crianças, até porque a todas as crianças do grupo foi solicitado que fizessem um desenho sobre a sua família. Dos 17 desenhos selecionei, tal como referido acima, dez, com base em critérios que me permitiriam uma maior variedade de casos: idades variadas; tipologias familiares distintas e géneros diferentes.

#### **4.1.Caraterização dos casos selecionados**

Os dados que se seguem referem-se aos dez casos selecionados, estes foram retirados do dossier de cada criança que a acompanha desde a entrada na instituição.

Criança A é do sexo feminino, tem 3 anos, é de nacionalidade portuguesa e vive com a mãe, com o pai e uma irmã.

Criança B é do sexo masculino, tem 5 anos, é de nacionalidade portuguesa e passa uma semana com cada um dos pais, quando está na casa da mãe, vive com a mãe, o companheiro da mãe e com um irmão. Quando está em casa do pai, vive só com o pai.

Criança C é do sexo feminino, tem 4 anos, é de nacionalidade portuguesa e vive com a mãe, um irmão e uma irmã.

Criança D é do sexo feminino, tem 4 anos, é de nacionalidade portuguesa e vive com a mãe e o pai.

Criança E é do sexo feminino, tem 5 anos, é de nacionalidade portuguesa e os pais trabalham nos camiões, por essa razão, quando os pais estão presentes, vive com a mãe, o pai e uma irmã. Quando não estão presentes, fica em casa de uma tia.

Criança F é do sexo masculino, tem 4 anos, é de nacionalidade portuguesa e vive com o pai e com a mãe.

Criança G é do sexo feminino, tem 5 anos e vive com o pai e com a mãe.

Criança H é do sexo masculino, tem 4 anos e vive com a mãe, com o pai e com o irmão mais novo.

Criança I é do sexo feminino, tem 4 anos e vive com a mãe e com o pai.

Criança J é do sexo feminino, tem 4 anos e vive com a mãe, com o companheiro da mãe, com uma irmã e com um irmão.

#### ***Técnicas/ Instrumentos utilizados no estudo de caso***

Tendo em atenção que a escolha dos métodos de recolha de dados influencia os resultados do trabalho (Quivy & Campenhoudt, 1992) esta é a



fase de selecionar técnicas e instrumentos a utilizar. Para realizar este estudo foi necessário recolher informações junto dos casos estudados, recorrendo, como defende Freixo (2011) aos instrumentos de medida previamente selecionados. Estes instrumentos podem ser de várias naturezas, nomeadamente: entrevistas, notas de campo, grelhas de observação, entre outros.

Para este estudo de caso, optei por recorrer à análise documental, no que se concerne aos desenhos das crianças e a um inquérito, cujo guião segue em anexo (Anexo 1) sob a forma de uma entrevista a realizar também às crianças.

### **5.1. Inquérito através da Entrevista**

Para Freixo (2011) a entrevista é uma técnica de recolha de dados onde existem pelo menos dois intervenientes, o entrevistador e o entrevistado, possibilitando a existência de um relacionamento entre os dois. Posto isto, é importante que o investigador facilite a expressão do entrevistado sem tirar ou deixar desviar o foco dos seus objetivos. Segundo António Carlos Gil (1999), a entrevista é uma técnica em que o investigador formula perguntas perante o investigado a fim de obter dados relevantes para a sua investigação, pelo que, de certo modo é também uma forma de interação social. Este autor afirma ainda que a entrevista é uma espécie de diálogo em que uma das partes pretende recolher dados e a outra se apresenta como a fonte de informação. Uma entrevista é adequada para se conseguir informações acerca do que as pessoas pensam, sabem, acreditam e querem fazer e antes de ser posta em prática, cabe ao entrevistador a definição do que pretende com esta entrevista, ou seja, do seu objetivo, uma vez que se pode optar por entrevistas estruturadas ou não-estruturadas, de acordo com os dados e a informação que pretende delas retirar, tal como é referido por Freixo (2011).

A entrevista estruturada é a que mais se assemelha com a utilizada neste estudo e, como tal, centrarei o meu foco apenas nessas. Gil (1999) defende que, por existirem diferentes tipos de entrevistas, esta é a técnica que se apresenta como a mais flexível de todas as técnicas de recolha de dados.

As entrevistas mais estruturadas são as que predeterminam as respostas a serem obtidas em maior grau e as menos estruturadas são aquelas cujas respostas se apresentam como mais espontâneas. No caso deste estudo optei por definir uma série de perguntas pré-formuladas contudo, e por se tratar de entrevistas a crianças acabam também por surgir algumas respostas espontâneas. Utilizar este tipo de entrevista, tem algumas vantagens, Gil (1999), por exemplo, apresenta toda uma série de aspetos que considera benéficos, nomeadamente a rapidez, o possibilitar uma análise estatística dos dados, até porque as respostas obtidas podem apresentar-se como padronizadas. Por outro lado, as entrevistas estruturadas não permitem a análise dos factos com uma maior profundidade, na medida em que as respostas são obtidas a partir de perguntas estabelecidas pelo entrevistador. Ainda assim, existem algumas vantagens que são levadas em conta, quando se escolhe usar este instrumento:

- Não exige que o entrevistado saiba ler ou escrever;
- É flexível, uma vez que o entrevistador pode esclarecer as perguntas e adaptar-se às pessoas e ao contexto em que desenvolve a entrevista;
- Permite avaliar expressões corporais, gestos, atitudes, valores, tonalidade da voz;
- Dá oportunidade para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos;
- Há possibilidade de conseguir informações mais precisas, podendo ser comprovadas, de imediato, as discordâncias;
- Permite que os dados sejam quantificados e submetidos a tratamento estatístico.

(adaptado de Freixo, 2011, p. 194)

Contudo, Freixo (2011) define também as desvantagens que podem interferir na qualidade da entrevista, nomeadamente:

- “Dificuldade de expressão e comunicação de ambas as partes;
- Incompreensão por parte do entrevistado, do significado das perguntas da investigação, que pode levar a uma falsa interpretação;

- Possibilidade de o entrevistado, ser influenciado, consciente ou inconscientemente, pelo entrevistador, pelo seu aspecto físico, as suas atitudes, ideias, opiniões, etc;
  - Disposição e disponibilidade do entrevistado em facultar as informações necessárias;
  - Retenção de alguns dados importantes, receando que a sua identidade seja revelada, ocupa muito tempo e é difícil ser realizada.”
- (p.194)

Para o autor, na elaboração de uma entrevista existem alguns pontos que devem ser tidos em consideração. O primeiro ponto é o planeamento e onde se deve considerar o objetivo a alcançar. O segundo ponto é o do conhecimento prévio do entrevistado, em que deve o entrevistador avaliar os conhecimentos do entrevistado acerca do assunto. O terceiro ponto tem a ver com a oportunidade da entrevista e consiste em marcar, antecipadamente, a hora e o local, para que não surjam imprevistos, nem para o entrevistador nem para o entrevistado. O quarto ponto diz respeito às condições favoráveis para a realização da entrevista e pressupõe que o entrevistador garanta a confidencialidade da identidade e dos segredos do entrevistado. Por último, o quinto ponto, refere-se à preparação específica e pressupõe o construir e organizar de um guião ou formulário com todas as questões importantes.

## **5.2. Entrevista com Crianças**

Segundo Simmons (1976), as técnicas da Entrevista com crianças dependem de três variáveis: a criança, o entrevistador e o ambiente. Em relação à postura do entrevistador, este deve de fazer um trabalho prévio para que ao longo da entrevista consiga encaminhar a criança para o que pretende e não se desvie do seu objetivo, ou seja, é necessário que se antecipe na preparação de possíveis respostas a questionamentos. No decorrer da entrevista o entrevistador deve, ainda, observar e ouvir a criança, deixando que

esta se sinta à vontade para também poder questionar. Para a realização da entrevista podem ser utilizados brinquedos, testes e desenhos.

No que se concerne ao ambiente, o autor aponta para que a entrevista decorra numa sala de brinquedos, um consultório ou uma associação de ambos na medida em que deve contribuir e promover a expressão verbal e física da criança. Uma vez que as crianças têm, por norma, um tempo de concentração limitado, a entrevista deve realizar-se durante um período mínimo de 30 minutos e máximo de 60 minutos. Ainda assim, defende o autor que deve o limite ser estabelecido pelo próprio entrevistado.

A minha entrevista foi realizada individualmente, fora da sala de atividades seguida por um guião (Anexo 1) e estruturada de modo a ter quatro blocos temáticos, nomeadamente:

1. Validação da entrevista;
2. Recurso ao desenho;
3. Conceções das crianças acerca da família;
4. Conclusão.

O objetivo é contextualizar a criança sobre o que se pretende, solicitar-lhe que fale acerca do seu desenho e ir introduzindo as perguntas da entrevista à medida que fala da sua família, de modo a, posteriormente, se proceder à análise das suas respostas, a fim de se alcançar os objetivos pretendidos, nomeadamente, perceber quais os fatores que influenciam o conceito de família e qual o conceito de família de cada criança.

## ***Tratamento dos dados***

Nesta fase é importante referir que os métodos utilizados para recolher os dados são normalmente complementares dos métodos de análise (Quivy & Campenhoudt, 1991). A entrevista, por exemplo, requer geralmente métodos de análise de conteúdo, que é o que se verifica neste trabalho de investigação.

Berelson (1952) refere que a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que possibilita uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa

do conteúdo e Krippendorff, citado por Vala (1986) define-a como “uma técnica de investigação que permite fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto” (Vala, 1986, p. 103). A análise de conteúdo é uma técnica utilizada no tratamento da informação, podendo incidir sobre mensagens muito variadas, como é o caso da entrevista. Quivy & Campenhoudt (1992) afirmam que a partir da análise de conteúdo, deve o investigador elaborar uma interpretação que não tenha como referência os seus próprios valores. Com esta técnica, os autores defendem que o investigador pode fazer uma análise através de critérios que incidam mais sobre a organização interna do discurso do que propriamente sobre o seu conteúdo explícito.

Para Bardin (2004) o objetivo da análise de conteúdo é conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. (...) é uma busca de outras realidades através das mensagens.” (Bardin (2004, p. 38). Este autor define, ainda, várias técnicas de análise de conteúdo, nomeadamente a análise categorial, a análise de avaliação, a análise da enunciação, a análise de expressão, a análise das relações e a análise do discurso. Focando a atenção para a primeira, que é a mais antiga e consiste na divisão do texto em unidades ou em categorias este é utilizada para calcular e comparar as frequências de certas características agrupadas em categorias significativas (Quivy & Campenhoudt, 1992). De uma forma mais pragmática, esta caracteriza-se pela frequência com que uma característica é citada pelo entrevistado, sendo, portanto, a mais importante para ele, o que, por sua vez, origina um procedimento quantitativo.

No que se concerne à minha análise de conteúdo, esta encontra-se dividida em categorias e evidências. As categorias são:

1. Estrutura familiar do aluno;
2. Formas de tratamento - pai, mãe, irmãos ou outros familiares pertinentes;
3. Atividades com a família no geral;
4. Importância da família;
5. Funções do pai, da mãe, dos irmãos e dos avós.

Estas categorias foram selecionadas tendo em conta os objetivos inicialmente estabelecidos, aquando o início do trabalho de investigação,

nomeadamente, para perceber quais são as conceções das crianças acerca do conceito de família e quais os fatores que influenciam a construção desse conceito.

### Capítulo III – Apresentação e Análise dos Resultados

Seguidamente, apresenta-se num conjunto de tabelas, construídas para o efeito, um resumo das respostas obtidas, de modo a mais facilmente, se proceder à análise comparativa entre os desenhos de cada criança e o que disseram aquando das entrevistas efetuadas a cada uma delas.

No que diz respeito à estrutura familiar das crianças, estamos perante alguma diversidade, tal como defendido pelos autores estudados, este é um conceito em mutação. Existem três famílias monoparentais, tal como definidas por Gesel (1977), duas em que as crianças vivem com a mãe e uma que vive uma semana com cada pai. De notar que esta última encaixa na definição de família reconstituída, definição elaborada por Saraceno e Naldini (2003), uma vez que ela própria define a sua família desenhando e, também, mencionando os irmãos, que na verdade, não têm qualquer ligação de sangue com a criança. Das famílias nucleares, quatro famílias têm mais de um filho, ou seja, as crianças vivem com os pais e com os irmãos.

<b>Crianças</b>	<b>Membros da família (resposta na entrevista)</b>
A	Pai, Mãe e Leonor.
B	Pai, mãe, manos, avós e avós.
C	Mãe, avó – vive por cima - e o mano – o pai não que mora noutra casa.
D	A mãe, o pai e a mana que está na barriga da mãe.
E	Pai, mana e mãe.
F	Mãe e pai.
G	Mãe e pai.
H	Mãe, pai e irmão.
I	Mãe e pai.
J	Pai, mãe, irmão, irmã, cão, cadela e gato.

**Tabela 1 - membros da família na resposta à entrevista (Anexo 2)**

<b>Crianças</b>	<b>Membros da família (no desenho)</b>
A	Pai, mãe, Leonor, a avó Zélia e o avô Chico.
B	Pai, mãe, manos, avó e a prima Lara.
C	Mãe, pai e o mano.
D	Mãe, pai e mana.
E	Pai, mana, tia, primo, mãe.
F	Mãe e pai.
G	Mãe e pai.
H	Mãe, pai e Tiago (irmão).
I	Mãe, pai, Popota e Pantufa.
J	Pai, mãe, irmão, irmã, cão, cadela e gato.

**Tabela 2 - membros da família desenhados**

As respostas obtidas a esta pergunta, quando comparadas com os membros da família desenhados mostram, uma vez mais e em meu entender, que existe uma grande diversidade no conceito de família. A opinião das crianças teve por base a afetividade, o facto se viver junto mas nem sempre, de estarem unidos e de se darem bem, o que me parece estar de acordo com o que diz Rabinovich e Moreira (2008) acerca da participação na família não estar restrita a quem com eles mora. Considero que a opinião da criança pode mudar consoante o tempo, que cada membro tem para estar, cuidar e tratar da sua família, como é o caso da criança E em que os pais trabalham nos camiões e por isso a criança passa grande parte do seu tempo com a tia e o primo. Ainda assim, de uma forma geral, as respostas dadas aquando da entrevista coincidem com os membros da família que desenharam, ou seja, reforçam a ideia do conceito de família de cada criança, mostrando de forma clara que já construíram e adquiriram esse conceito. No entanto, algumas das crianças entrevistadas acrescentaram ou retiraram membros da família quando a ela se referiram oralmente. Globalmente, todos reconheceram o pai, a mãe e os irmãos como família, alguns acrescentam os avós e outros alargam ainda mais o seu conceito para os tios ou tias e primas. Outras crianças incluíram no desenho os animais de estimação. No fundo, e observando as respostas, julgo

que posso concluir que o conceito de família destas crianças é diferente para cada uma. Para umas é um conceito mais alargado porque, para estas, a família é não só quem mora na mesma casa, ainda que este tenha sido um fator determinante para todas quando descreveram a família oralmente, mas também quem delas cuida quando os pais precisam, tal como referido anteriormente, o que de certo modo confirma o defendido Rabinovich e Moreira (2008). Ou seja, para a criança o conceito de família tem na sua base e conceção uma definição afetiva, sendo a família o local propício para as manifestações de amor e carinho.

<b>Crianças</b>	<b>Formas de tratamento</b>
A	Papai, pai, mãe, Linor.
B	Pai, mãe, Xavi, Lau, António.
C	Pai, mãe, irmão, Bruna (irmã que refere apenas quando inquirida diretamente).
D	Mãe, o pai, e a mana como está na barriga da mãe também é mãe.
E	Pai, mana, mãe.
F	Mãe, pai.
G	Mami, pai.
H	Pai do coração, mãe do coração, Tiago.
I	Pai, mãe.
J	Pai, mãe, irmã, irmão.

**Tabela 3 - Formas de tratamento dos membros da família**

Todas as crianças, de uma forma ou de outra, tratam os pais ou avós e irmãos e chamando-o pelo papel que ocupam na sua vida ou pelo nome. Achei curioso, contudo, algumas das crianças referirem que tratam os irmãos pelo nome e outras por “mano” ou “mana”, o que me parece um tratamento mais afetivo.

<b>Crianças</b>	<b>Atividades</b>
-----------------	-------------------



A	Brincar, passear.
B	Brincar, jogar, não bater, fazer pulseiras e desenhar.
C	Partilhar e emprestar, brincar com o mano, com o pai passeia, pinta e ele segura-a ao colo, com a mãe ajuda a fazer o jantar e a comer sozinha. Todos juntos passeiam.
D	Dar beijinhos e abraços e gostar muito deles, cantar.
E	Brincar, ajudar, arrumar, lavar o chão.
F	Brincar, passear.
G	Passear, ir à praia, ir aos carrosséis, brincar.
H	Alimentar, emprestar, brincar.
I	Tratar bem, dar carinhos, dar beijinhos, brincar.
J	Brincar, tirar café, fazer contas, dançar.

**Tabela 4 - Atividades realizadas com a família**

Acerca das atividades que realizam com a família, a maioria das crianças referiu que é com a família que brincam e passeiam. Algumas referiram momentos de lazer como ir ao café, à praia e até atividades didáticas como o fazer pulseiras, pintar, desenhar e cantar, o que tal como defendido por Oliveira (2002) promove o desenvolvimento geral e cognitivo das crianças. Contudo, considero que é de referir que, ainda que poucas, houve algumas crianças que associaram valores e sentimentos às atividades em família e referiram que em família partilham, dão carinhos, emprestam, alguns mencionaram a entreaajuda nas tarefas, o “não bater”, ou simplesmente, o “gostar”. Tal como diz Rabinovich e Moreira (2008) a família tem um significado afetivo para as crianças que a percebem como o local para a partilha, a bondade, o respeito, o carinho, o amor e, simultaneamente o local onde não se maltrata.

<b>Crianças</b>	<b>Importância da família</b>
A	Acena que sim com a cabeça mas não justifica.
B	É importante porque gostam dele.

C	A família é importante porque é giro.
D	Porque estão juntos, porque gostam dela, porque estão alegres.
E	É importante porque vão passear os meninos, às compras, ao jardim e fazer ginástica.
F	É importante porque senão, não se tinha nada.
G	Considera importante porque ela gosta dos pais e eles dela.
H	É importante porque as pessoas não são más umas para as outras.
I	É importante porque gostam dela.
J	Acha que é importante, sem justificar.

**Tabela 5 - Importância da família para a criança**

Observando a tabela que sumaria as respostas relativas à importância da família é de referir que todas as crianças considera a família importante porque a família gosta delas, o que mais uma vez vai ao encontro da noção de afetividade defendida por Rabinovich e Moreira (2008). Nota-se, talvez e em meu entender, uma ligação com as respostas dadas à pergunta acerca das atividades, na medida em que a afetividade surge como uma constante em ambas, havendo necessidade de contato físico para que se estabeleçam relações salutareis. No fundo, os carinhos, os mimos e os beijinhos são a forma como, muitos deles, parecem perceber e reconhecer família e, por isso, a consideram importante.

<b>Crianças</b>	<b>Funções dos membros da família</b>
A	O pai faz o jantar; a mãe cozinha e arruma a casa; a mana brinca; o avô fica sentado; a avó cozinha e conduz.
B	O pai faz o jantar; a mãe faz o jantar e lava os pratos e os copos; os irmãos brincam, vão à piscina, à praia e à escola; os avós ficam em casa com ele.
C	O pai passeia; a mãe ajuda; a Bruna desarruma; o irmão

	ajuda a arrumar o quarto; a avó brinca, arruma e faz o jantar.
D	O pai treina à noite; a mãe lava-a, veste-lhe o pijama, cozinha e lava a loiça; os irmãos ajudam as mães, os pais; as avós gostam dela e compram psp.
E	O pai trabalha, vai às compras e ajuda os amigos; a mãe trabalha, brinca, vai às compras e passeia; os irmãos brincam e jogam e dão comida aos animais; e ela trata da mãe; a tia toma conta dos sobrinhos; os avós dão bolos e trabalham.
F	O pai trabalha e trabalha no computador em casa; a mãe às vezes brinca com ele, também trabalha e vai ao parque e ao jardim com ele; os avós tomam conta dos netos quando os pais vão trabalhar.
G	O pai cozinha, ajuda a mãe; mãe trabalha, brinca com ela, faz pinturas, vê televisão com ela e dá-lhe banho; Avós dão prendas.
H	O pai lava os pratos e os biberões; a mãe passa a ferro, deita-os na cama; os irmãos fazem as coisas para os bebés, tomam conta (dizem para não mexer); a avó cozinha e o avô vende peixe. Os pais compram coisas para os filhos.
I	O pai dá carinhos; a mãe dá carinhos; os irmãos (refere-se aos tios gémeos, irmãos da mãe) são preguiçosos e brincam; os avós dão carinhos e tomam conta dela.
J	O pai ajuda-a a fazer desenhos e dá-lhe o almoço; a mãe cozinha; os irmãos emprestam-lhe o tablet.

**Tabela 6 - Funções atribuídas pela criança aos membros da família**

Relativamente às funções de cada membro da família as crianças disseram, na sua maioria, que com a mãe brincavam e passavam tempo juntos e que a função da mãe é cozinhar, outros houve que para a mãe atribuíram a função da lida da casa, sem perceberem que se trata da lida da casa, o que de certa forma considero que entra em discordância com o que é defendido tanto por Osterrieth (1970) como por Marinha (1989) que atribuem um papel de autoridade à mãe.

Algumas crianças referiram que a função dos pais era brincar com eles ou passear, o que, em meu entender, desmitifica o papel secundário dos pais nos primeiros anos de vida, referido por vários autores (Osterrieth, 1970; Oliveira, 2002;). As mães assumem, na vida destas crianças, grande parte das tarefas domésticas, e são também estas que estão mais tempo em casa e dão mais atenção às crianças, pelo menos de acordo com as respostas obtidas. Contudo, e tendo em conta o que foi respondido pelas crianças, os pais adquirem funções coadjuvantes e não menos importantes, dando carinhos, ajudando a mãe, cozinhando e passeando. Tal como defendido por Saraceno e Naldini (2003) parece-me que, para as crianças, o mais importante são os momentos significativos em que convivem, se divertem e aprendem com a mãe

e com o pai, contrapondo com os momentos mais monótonos e rotineiros, sempre presentes ao longo do dia, e que se relacionam, por exemplo, com o comer, dar banho, etc.

Houve, ainda, crianças que atribuíram uma função aos pais e aos avós, à qual vou dar o nome de função de mimar por meio de coisas simbólicas, na medida em que para estas crianças uma das funções dos adultos, nomeadamente pais e avós, é comprarem-lhes coisas. Para as crianças inquiridas o papel dos avós não se restringe à aquisição de coisas, prendas ou “bolos”, praticamente todos atribuíram uma outra função aos avós. Desde brincar com eles, a tomar conta deles ficando em casa com eles, trabalhar – no caso do avô, cozinhar – no caso da avó, dar carinhos. No fundo, considero que esta perspetiva das crianças está em concordância com o que é defendido por Porot (1978) quando afirma que os avós têm a função de auxiliar no lar dos seus filhos apoiando-os moral e materialmente.

No que se concerne aos irmãos, ainda que Marinha, (1989) refira a existência de uma relação de rivalidade, esta relação não ficou patente nas respostas obtidas, muito pelo contrário, as crianças mencionam que os irmãos ajudam e partilham, indo talvez ao encontro da afeição, interesse e companheirismo defendido por Gesell (1977), pelo que considero também que, tal como afirma Osterrieth (1970) o facto de existirem irmãos ajuda, põe em causa e influencia na estruturação da personalidade infantil.

## ***Discussão de Resultados***

Existe, sem dúvida, alguma diversidade no conceito, até porque são vários os tipos de estrutura familiar que estavam presentes, mas considero que todas as crianças neste estudo, de alguma forma, já adquiriram a sua perspetiva acerca desse mesmo conceito. Houve crianças que mostraram ter um conceito bastante alargado, incluindo por vezes e até animais de estimação, outras construíram um conceito restrito, baseado nas pessoas com quem eles mora, mas também, nos casos em que o conceito é mais alargado, nas pessoas que servem de estrutura de apoio familiar e auxiliam os pais tomando conta e cuidando deles. Considero que, ainda que tenha sido capaz

de definir com alguma clareza a estrutura familiar de cada criança, esta não é uma pergunta para a qual exista uma única resposta, parece-me que o conceito de família é tão vasto quanto o número de pessoas a quem se solicita uma definição. Ainda assim, este estudo mostra que, tendo em conta o que foi dito pelas crianças na entrevista, se podem agrupar as respostas em “famílias monoparentais alargadas”, as “famílias tradicionais” e, finalmente, “famílias reestruturadas” resultantes de situações de divórcio ou separação, por exemplo. Ainda assim, a afetividade foi sempre um fator constante.

No que se concerne às formas de tratamento, tive a oportunidade de notar que nas famílias reestruturadas não existe grande diferença de tratamento, ainda assim há exceções, e algumas das crianças não incluem o padrasto, pelo que os tratam pelo nome e só o referem após alguma insistência durante a entrevista, até porque é uma vez que este era um meio pequeno eu estava já dotada de algum conhecimento acerca das famílias e das respetivas estruturas familiares.

Também nas atividades realizadas com a família está bem patente o vínculo e a afetividade, algumas crianças chegam mesmo a associar valores e sentimentos a essas atividades, o que, mais uma vez, confirma que a sua perspetiva de família está intimamente ligada à criação de vínculos e ao estabelecimento de ligações com quem passa mais tempo com eles, com quem a eles se dedica de certa forma construindo e promovendo, por meio dessas atividades, não só o seu desenvolvimento cognitivo, como a sua personalidade.

Outra categoria é a da importância da família para as crianças. Aqui, mais uma vez, está patente a afetividade. Todas referiram que a família era importante porque gosta deles, porque dão mimos e carinhos. Na verdade, a família é importante para eles porque é através desse contacto físico que se estabelece o vínculo afetivo entre as crianças e os respetivos membros da família, ainda que sejam demasiado novos para o explicarem por estas palavras, considero que era isto que pretendiam transmitir. A afetividade e o vínculo constroem com quem faz parte da sua família, e ainda que possam existir outros vínculos estes nunca serão tão fortes e tão seguros, como os que conseguem estabelecer e construir com os membros da sua família.

Outra categoria que, em meu entender, auxilia a construção do conceito de família nas crianças é a função dos membros da família. As crianças com um conceito familiar mais restrito, ou supostamente, mais tradicional, atribuíram funções, aos pais e, por vezes aos avós, mas apenas quando questionados. Contudo, as crianças de famílias reestruturadas ou monoparentais, atribuíram funções sem ser necessário questioná-los muito, acerca dos membros que eles haviam considerado parte da sua estrutura familiar.

Em jeito de conclusão, penso que posso afirmar que a perspetiva da criança é condicionada, em meu entender e tendo em conta os autores estudados, por toda a sua vivência, pelo meio que os rodeia, pela educação e mimo, pelo carinho e respeito e pelo modo como a sua própria família está estruturada ou pela ausência desta mesma estrutura.



## Capítulo IV - Considerações Finais

### ***Resposta à problemática***

De acordo com Hohmann & Weikart (2011, p.112), “não é possível «fazer crescer» pessoas sem alimentar as suas raízes. Não podemos guiá-las em direcção ao futuro sem valorizarmos o seu passado.” De tal forma que, enquanto futura educadora de infância parece-me fundamental conhecer as características individuais de cada criança e do seu contexto familiar para que se possa desenvolver um trabalho de qualidade.

Este estudo resulta, portanto, da necessidade de conhecer um pouco mais cada criança com quem trabalhava para, desse modo, as ajudar a crescer o melhor possível e, de certa maneira, contribuir para a construção das suas personalidades de forma positiva. Surge naturalmente a problemática deste relatório acerca das perspetivas da criança sobre o conceito família, e assim, como resposta à pergunta:

“Quais as perspetivas das crianças sobre o conceito de família?”, que está intimamente ligada ao objetivo de saber “Qual o conceito de família construído pelas crianças”

Posso delinear algumas conclusões que, não só, fundamentam a minha revisão de literatura e que me ajudam a melhor perceber quais os fatores que efetivamente influenciam as crianças na construção do seu conceito de família, como me ajudaram a conhecê-las melhor.

Tendo em conta as entrevistas realizadas, bem como os desenhos de cada criança, foram definidas cinco categorias de análise, nomeadamente:

- 1) Estrutura familiar do aluno;
- 2) Formas de tratamento;
- 3) Atividades com a família;
- 4) Importância da família; e,
- 5) Funções dos membros da família.



Estas categorias parecem encaixar, quase de forma automática, nos fatores que ajudam as crianças a construir o seu conceito de família. As crianças, quase globalmente, reconheceram e validaram a sua perspectiva acerca do conceito “família” através do recurso à afetividade, ao vínculo estabelecido com cada elemento que considera fazer parte da sua família. Ainda que algumas das crianças se encontrem em situações de famílias monoparentais devido a divórcio, por exemplo, a verdade é que nenhum deles referiu essa situação. Quando assim acontece, as crianças referem toda uma estrutura familiar, que sustenta e auxilia a mãe ou pai, como os avós, a tia.

Deste modo, concluo que a família é um conjunto de pessoas, que na sua maioria vivem no mesmo espaço e que se dão bem. Posso dizer que me parece que as crianças consideram a família uma instituição de acolhimento, marcada pela presença na sua vida. Isto é, que não os deixa ficar sozinhos e que em conjunto passam momentos divertidos e significativos para o seu desenvolvimento a todos os níveis.

“ Quais os fatores que influenciam o conceito de família nas crianças do pré-escolar?”

Na verdade, o modo como cada criança entende a sua família parece-me estar intimamente ligado ao tempo que passa com cada membro da sua família, ao fato de viverem na mesma casa e, acima de tudo, ao vínculo afetivo que cria com os pais e com quem deles cuida na sua ausência. O vínculo afetivo surge, portanto, como o fio condutor e a base que sustenta a criação da perspectiva que cada criança elabora da sua família.

Foram várias as limitações sentidas ao longo da realização deste Relatório. Primeiramente, não posso deixar de referir o tempo de duração do estágio que, em meu entender, acabou por ser curto para que pudesse, efetivamente, aprofundar a questão em estudo. Em segundo lugar, o próprio tema e instrumentos de recolha de dados que, por si só, poderiam ter sido limitativos e restritivos, sem que pudesse efetuar grandes extrapolações, o que não se verificou, ainda assim e por falta de tempo optaram-se por se adotar apenas desenhos e entrevistas, em detrimento de outros. Em terceiro lugar, a minha falta de experiência enquanto investigadora, na medida em que poderia, por

esse motivo, ter conduzido as entrevistas de forma enviesada. Outro fator que considero limitativo foi o de estar a lidar com crianças, e ainda que este estudo confirme que haviam já adquirido o conceito, poderiam com a sua imprevisibilidade e inconstância, ter condicionado o estudo, principalmente porque se tratava de um grupo heterogéneo e o conceito de uma criança de 3 anos pode, e eventualmente deve, ser diferente do conceito de uma criança com 5 anos. Finalmente, o fato de estar atualmente a exercer, condicionou fortemente a realização deste Relatório, uma vez que me limitou muito ao nível de tempo que pude dispor para a sua realização.

### ***Recomendações para futuros estudos/investigações***

Considero que seria interessante, no futuro, realizar este tipo de investigação, em grupos homogéneos e de diferentes etapas de desenvolvimento.

Como futura educadora, considero importante e, ao mesmo tempo, fundamental, conhecer bem as crianças com que se trabalha diariamente e, para o efeito, este tipo de estudos deverá ser sempre implementado, ainda que as perspetivas das crianças possam alterar-se ao longo dos tempos, a verdade é que são conceitos tão pessoais que nos ajudam, enquanto profissionais, a conhecê-las e, dessa forma, possibilita-nos contribuir mais eficazmente para o seu desenvolvimento tanto pessoal como cognitivo.



## Referências Bibliográficas

Andolfi, M., Angelo, C., Menghi, P., & Nicolo-Corigliano, A. M. (1984). *Por Trás da Máscara Familiar* (3ª Reedição ed.). (M. C. Goulart, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.

Arfouilloux, J. C. (1975). *A Entrevista com a Criança: a abordagem da criança através do diálogo, do brinquedo e do desenho* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.

Berge, A. (1978). *A criança hoje*. Lisboa: Moraes Editores.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da Investigação - Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Carvalho, A. M., Moreira, L. V., & Rabinovich, E. P. (Setembro de 2010). Olhares das crianças sobre a família: um enfoque quantitativo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*.

Educação, M. d. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Erikson, F. (1986). *Qualitative methods in research on teaching*. Nova Iorque: Macmillan.

Fernández, R. (1994). "El rol paterno", em R. Fernández (org.), *La Mujer, el Varón, los Hijos*. Santiago: Editorial Patris, pp.175-177.

Freixo, M. J. (2011). *Metodologia Científica - Fundamentos, Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Gamboa, M. J. (2013). Plano Nacional de Leitura - O discurso da (não) leitura. Leiria.

Gesell, A. (1977). *A Criança dos 5 aos 10 anos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Gil, A. C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (5ª Edição ed.). São Paulo: Editora Atlas.

Hohmann, M. & Weikart, D. P. (2011). *Educar a Criança*. (6ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

*Investigação Quantitativa e Qualitativa*. (s.d.). Obtido em 6 de Junho de 2011, de <http://bullyingout.wordpress.com/a-investigacao-quantitativa-e-a-investigacao-qualitativa/>

Kentenich, J. (1984 ). *Linhas Fundamentais de Uma Pedagogia Moderna para o Educador Católico* (Jornada Pedagógica de 1950). Santa Maria, IM.

Koronaίου, A. (2007). *O papel dos pais no equilíbrio da vida laboral e familiar-pessoal*. Atenas: Centro de Pesquisa sobre Temas de Igualdade (KETHI).

Malpique, C. (1999). *Pais/Filhos em Consulta Psicoterapêutica*. Porto: Edições Afrontamento.

Marconi, M. d., & Lakatos, E. M. (1996). *Técnicas de Pesquisa* (3ª Edição ed.). São Paulo: Editora Atlas.

Marconi, M., & Lakatos, E. (1992). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas.

Marinha, M. I. (1989). *A Família na Educação da Criança*. (L. Horizonte, Ed.)

Mateus, A. R. (2011). *Refletindo sobre a Educação Pré-escolar: Experiências de Representação da figura humana no Jardim de Infância*. Mestrado, Instituto Politécnico de Leiria, Leiria.

Moreira, C. A. (2009). *Implicações para o processo Ensino/Aprendizagem decorrentes*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho.

Moreira, L. V., Rabinovich, E. P., & Silva, C. N. (Abril de 2009). Olhares de crianças baianas sobre família. *Paidéia (Ribeirão Preto)* .

Núcleo de Educação Pré-Escolar. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Oliveira, J. H. (2002). *Psicologia da Família*. Lisboa: Universidade Aberta.

Osterrieth, P. (1970). *A Criança e a Família*. Lisboa: Publicações Europa-América.

Papalia, D. E. (2006). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed.

Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2009). *Desenvolvimento Humano*. Mc Graw Hill.

Parente, C. (2002). Observação: Um percurso de formação, prática e reflexão. In J. Oliveira-Formosinho, *A Supervisão na Formação de Professores I - Da Sala à Escola* (pp. 166-216). Porto: Porto Editora.

- Pires, M. I. (2007). *Os Valores na Família e na Escola - Educar para a vida*. Lisboa: Celta Editora.
- Ponte, J. P. (2006). Estudos de caso em educação matemática. *Bolema*, 25, 105-132.
- Porot, M. (1978). *A Criança e as Relações Familiares*. (Z. Faria, Trad.) Porto: Rés-Editora.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (1ª Edição ed.). Paris: Gradiva.
- R.C.Bogdan, & S.K.Biklen. (1992). *Qualitative Research in Educacion*.
- Rabinovich, E. P., & Moreira, L. V. (Setembro de 2008). Significado de família para crianças paulistas. *Psicologia em estudo*.
- Rosa, M. V., & Arnoldi, M. A. (2006). *A Entrevista na Pesquisa Qualitativa*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Santos, J. d. (2010). *Saúde Mental em Educação*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Saraceno, C., & Naldini, M. (2003). *Sociologia da Família* (2ª Edição ed.). Lisboa: Editorial Estampa.
- Silva, L. F. (2001). *Acção Social na Área da Família*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Silva, S. C. (2009). *Famílias de risco, Crianças de risco? Representações das crianças acerca da família e do risco*. Braga: Universidade do Minho - Instituto de Estudos da Criança.
- Sousa, M., & Baptista, C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha*. Lisboa: Pactor.
- Spock, B. (1991). *Preparar os filhos para os novos tempos*. Difusão cultural.
- Vala, J. (1986). A Análise de Conteúdo. In A. S. Silva, & M. J. Pinto, *Metodologia das Ciências Sociais* (9ª Edição ed., pp. 101-128). Edições Afrontamento.
- UNICEF. (1989). *Convenção sobre os Direitos da Criança*. Retirado de [https://www.unicef.pt/docs/pdf\\_publicacoes/convencao\\_direitos\\_crianca2004.pdf](https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf), consultado a 26 de fevereiro de 2015.



## **Anexos**





# Anexo 1

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Jardim de Infância de Santa Maria

Educadora Cooperante: Margarida Avelino

Professor Orientador: Paulo Pires do Vale



## Guião da Entrevista

**Objetivo Geral:** Conhecer as ideias das crianças acerca da família.

Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Questões
<u>Validação da Entrevista</u>	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Dar a conhecer os motivos da entrevista;</li><li>▪ Assegurar condições de realização da entrevista.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Informar o entrevistado sobre o objetivo da entrevista;</li><li>▪ Referir que a entrevista está a ser realizada no âmbito do trabalho de investigação, para o relatório final do Mestrado;</li><li>▪ Pedir autorização para gravar a entrevista.</li></ul>
<u>Recurso ao desenho</u>	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Perceber o significado do desenho que a criança fez.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Fala-me do teu desenho.</li></ul>
<u>Conceções das crianças acerca da família</u>	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Perceber o conceito de família;</li><li>▪ Conhecer a estrutura familiar da criança;</li><li>▪ Identificar a importância que cada elemento familiar tem para a criança;</li><li>▪ Conhecer que papéis/funções desempenham os elementos familiares;</li><li>▪ Conhecer o papel que a criança ocupa na família.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Quem é a tua família?</li><li>▪ Como tratas o pai? E mãe? E os irmãos?</li><li>▪ O que achas que se faz com a família? Com os pais e irmãos?</li><li>▪ A família é importante? Porquê?</li><li>▪ Para que serve o pai?</li><li>▪ Para que serve a mãe?</li><li>▪ Para que servem os irmãos?</li><li>▪ Para que serve dos avós?</li><li>▪ O que tu fazes em família?</li></ul>
<u>Conclusão</u>	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Concluir a entrevista.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Agradecer a participação.</li></ul>

Discente: Cátia Gonçalves

## Anexo 2

### 1. Desenhos e transcrição das entrevistas

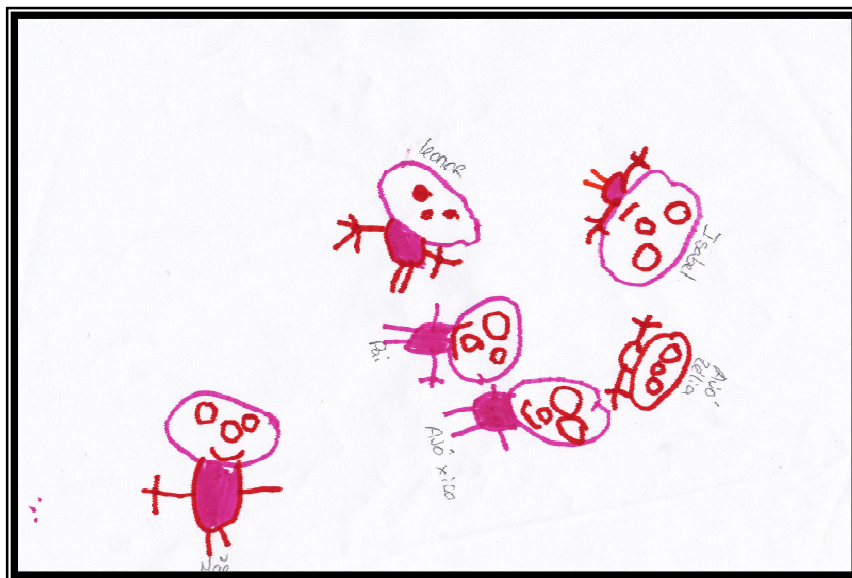


Imagem 1 – desenho da criança A

#### Transcrição da entrevista

Cátia: Então A, fala-me um bocadinho do teu desenho. Fala-me do teu desenho, fala lá. Quem é que é a tua família.

A: O pai e a mãe.

Cátia: O pai e a mãe? E mais ninguém?

A: A e a Linor

Cátia: E a Leonor... Olha, tu lembras-te quem é que tu desenhaste aí no teu desenho? Quem foi?

A: A avó Zélia.

Cátia: E mais?

A: O avô Chico.

Cátia: E mais? E tu, a Leonor, o pai e a mãe, não foi?

A: Ah, esta não tem pernas.

Cátia: Pois não. É a avó Zélia... Estava sentada, se calhar. Olha e quando tu queres chamar o teu pai, como é que tu dizes? Como é que tu o tratas? Como é que tu o chamas?

A: Naraa.

Cátia: Como?

A: Naraa.

Cátia: Não percebi. Como é que tratas o teu pai? Quando queres dizer “Anda cá” como é que dizes? É por pai que o tratas? Ou é por papá?

A: Papai.

Cátia: Então como é que dizes? Pai ou papá?

A: Pai

Cátia: E a mãe, como é que tu dizes?

A: Mãe

Cátia: E a Leonor?

A: Linor

Cátia: Chamas a Leonor pelo nome? Não dizes mana?

A: Acenou que não com a cabeça.

Cátia: Não? Tá bem. Então e o que é que tu achas que se faz com a família?

A: Brinca-se

Cátia: E mais? Brinca-se e mais? O que é que achas que se faz mais com a família?

A: Passeia-se...

Cátia: Passeia-se, muito bem! E mais? E mais Aoca? Então com a tua família achas que se brinca, que se passeia... Mais alguma coisa? Não? E com a irmã? O que é que tu costumavas fazer com a tua irmã?

A: Brincar.

Cátia: Brincar com a Leonor? Mais nada? E achas que a família é importante? Sim? Porquê? Porque é que achas que a família é importante? Ah A, diz lá à Cátia... Vá lá... Achas que a família é importante, certo?

A: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Sim? Então porquê? A tua família gosta de ti?

A: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Sim? Fala comigo... Então vou-te fazer outra pergunta. Esta é um bocadinho difícil? É? Então olha, para que é que serve o teu pai? O que é que o teu pai faz em casa? O que é que o teu pai costuma fazer em casa?

A: O jantar

Cátia: O jantar? É o teu pai que cozinha lá em casa?

A: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: É? Então e a mãe? O que é que a mãe faz?

A: Também cozinha.

Cátia: Também cozinha? E mais? Arruma a casa?

A: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: E a tua mana, o que é que ela faz lá em casa?

A: Brinca.

Cátia: Brinca? Contigo?

A: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Boa! E os avós, para que é que servem os avós? O que é que os avós fazem? A avó Zélia e o avô Chico.

A: O avô Chico não pode.

Cátia: Não pode o quê amor?

A: Cozinhar.

Cátia: Porquê?

A: Porque tem gesso na mão.

Cátia: Ah, tem gesso na mão. Então e o que é que ele pode fazer?

A: Tar sentado.

Cátia: Tar sentado? E a avó Zélia, o que é que ela faz em casa?

A: Também pode cozinhar.

Cátia: E mais?

A: Ela também pode sentar-se.

Cátia: Também... E mais, o que é que o que é que faz mais a avó Zélia?

A: Ela conduz.

Cátia: Conduz? É amor? Que fixe... Olha, e o que é que tu fazes com a tua família? O que é que tu costumavas fazer, quando estão todos juntos, o que é que costumam fazer? Quando estás com a Leonor, com a mãe, com o pai, com a avó Zélia, com o avô Chico, o que é que vocês costumam fazer todos juntos?

A: Brincar.

Cátia: Brincar. E mais?

A: Mais nada.

Cátia: Mais nada? Olha e tu costumas ajudar a mãe e o pai a cozinhare?

A: Acenou que não com a cabeça.

Cátia: Não? E a arrumar a casa?

A: Acenou que não com a cabeça.

Cátia: Também não? E costumam passear todos juntos?

A: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Costumam? Ah, então há outra coisa que tu fazes com a tua família...

Costumam ir à praia?

A: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Sim? Boa! Está bem. Obrigada A!



Imagem 2 – desenho da criança B

**Transcrição da entrevista**

Cátia: Então fala-me um bocadinho do teu desenho, B.

B: Ah

Cátia: Podes olhar para o teu desenho... Olha, quem é a tua família?

B: A mãe.

Cátia: Sim

B: O pai

Cátia: Sim

B: Os manos

Cátia: Quais manos?

B: O António.

Cátia: E mais? Disseste os manos, quem são os manos?

B: O Xavi

Cátia: O Xavi e mais?

B: E a Lau.

Cátia: A Lau?

B: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Então e mais alguém da tua família? A mãe, o pai, os manos e mais?

B: A avó

Cátia: A avó, como é que se chama a avó?

B: Ah Anita.

Cátia: Anita. E tu chamas-lhe como? É a Lolita?

B: Sim.

Cátia: E é a mãe de quem?

B: Do meu pai.

Cátia: Do teu pai que tu desenhaste aqui no teu desenho. Então e mais? Quem é que pertence mais à tua família?

B: O avô

Cátia: O avô, como é que se chama o avô?

B: Cuaos.

Cátia: Carlos?

B: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: E mais?

B: Mais...

Cátia: Mais alguém?

B: O avô B.

Cátia: O avô B. Boa!

B: Que já está do Céu.

Cátia: Que já está no Céu. Mais?

B: A avó Maria.

Cátia: A avó Maria... É viva? Ou está no céu?

B: Está cá.

Cátia: Está cá? Boa! E mais? Mais alguém?

B: Não.

Cátia: Tu aqui no teu desenho, desenhaste a prima Lara. É tua prima?

B: É.

Cátia: Da parte de quem? Da mãe ou do pai?

B: Da mãe.

Cátia: É sobrinha da tua mãe?

B: Sim.

Cátia: Boa! Olha, e quem é que vive na tua casa?

B: O pai.

Cátia: Sim.

B: Eu.

Cátia: Sim. Isso é uma casa.

B: Sim...

Cátia: Na casa do pai quem é que vive?



B: Sou eu e o pai.

Cátia: E na casa da mãe?

B: Eu, a mãe, o António e o Cacán.

Cátia: Tu, a mãe, o António e o Cacán. E o mano Xavi, não?

B: Não.

Cátia: E a Lau?

B: Também não. Eles só vão lá o sábado e o domingo.

Cátia: Eles só vão lá ao sábado e ao domingo porque eles são filhos de quem?

B: Da Sofia.

Cátia: E? Quem é o pai deles?

B: É o Cacán.

Cátia: Ah, é o Cacán. Muito bem! Então e quando tu queres chamar o teu pai, como é que dizes? Como é que tu o tratas?

B: Pai.

Cátia: E a mãe?

B: Mãe.

Cátia: E os teus irmãos?

B: Xavi e Lau.

Cátia: Xavi e Lau? E o António?

B: António.

Cátia: Tratas pelo nome? Não chamas mano?

B: Não.

Cátia: Tá bem. E o Cacán, como é que tu tratas?

B: Ah.

Cátia: Quando tu queres chamar o Cacán como é que tu dizes?

B: Cacán.

Cátia: É? Cacán? Está bem. Então o que é que tu achas que se faz com a família?

B: Brincar.

Cátia: Brincar, mais?

B: Não dar murros.

Cátia: Não dar murros, sim...

B: Não bater...

Cátia: Não bater... Aquilo que tu fazes com a tua família...É o quê?

B: Ah, jogar

Cátia: Jogar ao quê?

B: Jogar à bola.

Cátia: Jogar à bola, mais?

B: Jogar à playstation.

Cátia: À playstation com todos? Com a mãe, com o Cacáná, com o António, o Xavi? Com todos?

B: Não, só com... Nós só temos dois comandos.

Cátia: Sim...

B: É o comando do Xavi que é o comando um e o meu comando, que é o comando dois.

Cátia: Ah, isto é o que tu fazes com o Xavi. E com o resto da família?

B: Binco e...

Cátia: O que é que fazes com o pai? O que é que costumavas fazer com o pai?

B: Fazer pulseiras...

Cátia: Pulseiras de elásticos?

B: Sim.

Cátia: E mais?

B: Fazer desenhos.

Cátia: Desenhos? Boa, muito bem! Então achas que a família é importante?

B: Sim.

Cátia: Porquê?

B: Porque nós podemos bincar, jogar à bola, fazer desenhos, fazer pulseiras...

Cátia: E achas que a tua família gosta de ti?

B: Sim.

Cátia: Sim? E por isso é importante, não é?

B: Sim.

Cátia: E mais? Porque é que achas que a família é importante?

B: Porque...

Cátia: Para além disso, há mais alguma coisa?

B: Não.

Cátia: Então e para que é que serve o pai? O que é que o pai costuma fazer lá em casa?

B: Jantar, fazer jantar, mais... Já não me lembro mais.

Cátia: Não? E a mãe, o que é que a mãe costuma fazer em casa?

B: Fazer o jantar, lavar a loiça, lavar os patos...

Cátia: Lavar os quê?

B: Os patos.

Cátia: Os patos? Ai é? Vocês têm patos em casa?

B: Não.

Cátia: Então? Ahh, os pratos.

B: Sim.

Cátia: Tá bem, tá bem.

B: Ah, os copos..

Cátia: Sim, lavar a loiça, cozinhar e mais?

B: Já não me lembro mais.

Cátia: Não? Então e os irmãos? Para que é que servem os irmãos?

B: Pa bincar.

Cátia: Pra brincar...

B: Pa jogar à bola...

Cátia: Jogar à bola.

B: Para... imos à piscina...

Cátia: Para irem à piscina, boa!

B: Pa imos à paia.

Cátia: À praia, muito bem.

B: E pa imos à escola.

Cátia: À escola? Boa. E os avós, para que é que servem os avós?

B: Pa ficar em casa...

Cátia: Sozinhos? Ou para ficarem contigo em casa?

B: Para ficarem comigo em casa.

Cátia: Sim e mais...

B: Mais... Já não me lembo mais.

Cátia: Não? E tu, o que é que costumavas fazer com a tua família?

B: Bincar, jogar à bola e jogar e jogar na paystation.

Cátia: É?

B: Sim.

Cátia: Ok, obrigada Rafa!

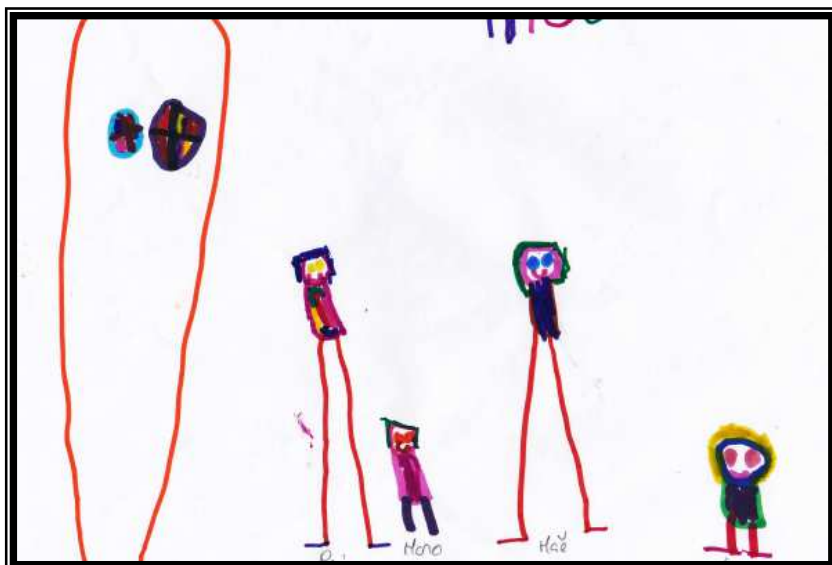


Imagem 3 – desenho da criança C

## Transcrição da entrevista

Cátia: Então C, fala-me um bocadinho sobre o teu desenho.

C: Este é o irmão, o pai. O que é que está aqui a dizer?

Cátia: Pois, tu tinhas-me dito que aqui eras tu, a mãe, o mano e o pai.

C: Ahhh.

Cátia: Não foi? Quem é que tu pensavas que estava aí desenhado?

C: A mãe...

Cátia: A mãe...E os outros, quem eram? As outras pessoas

C: Eu, o mano e o pai.

Cátia: Pois, tu disseste-me que era assim e foi como eu escrevi. Olha, quem é a tua família?

C: A avó, o mano, a mãe, o pai não porque o pai mora doutra casa.

Cátia: Ah, então não é da família?

C: Não!

Cátia: E a avó mora na tua casa?

C: Ah, eu tenho duas casas. Uma de lá de cima e uma de baixo.

Cátia: Sim, e a tua avó vive contigo? Vive na tua casa, C?

C: Sim, vive da de cima e eu vivo da de baixo.

Cátia: Ah, ok. Olha, e quem é que vive mais contigo? Quem é que vive na tua casa?

C: Não sei.

Cátia: Não sabes? Não sabem quem é que está na tua casa, todos os dias?

C: O tio.

Cátia: Vive contigo, o tio? Vive na tua casa?

C: Não, ele às vezes vem cá visitar.

Cátia: Ah, mas não vive sempre na tua casa, pois não?

C: Não.

Cátia: Quem é que vive sempre na tua casa? Tu e mais?

C: A mãe, o mano...

Cátia: Como é que se chama o teu mano?

C: A ma.. Valdemar, a mana chama-se bruna.

Cátia: E a mana vive na tua casa?

C: Sim.

Cátia: Ah, mas ela não está aqui no teu desenho. Pois não?

C: Não, esqueci-me

Cátia: Ah, está bem. Esqueceste-te. Então e quando tu queres chamar o teu pai, como é que tu dizes?

C: Ele não mora lá!

Cátia: Está bem, mas quando estás com o teu pai, como é que o chamas?

C: Telefono a ele com a mãe. Pai.

Cátia: Pai. E a mãe.

C: Mãe.

Cátia: E os teus irmãos?

C: Valdemar e Bruna.

Cátia: Tu chamas-lhes, tratas pelos nomes?

C: Acenou que não com a cabeça.

Cátia: Então, como é que dizes?

C: Digo só irmão.

Cátia: Chamas “irmão”?

C: Sim.

Cátia: Ou dizes... é irmão? E à Bruna? Como é que tu dizes quando queres dizer “anda cá...”, como é que dizes? Faz de conta que estás a chamar a Bruna.

C: Bruna.

Cátia: Como é que tu dizes? Faz de conta que estás a chamar. Diz lá...

C: Deixa-me pensar... Chamo Bruna.

Cátia: Está bem. Então e o que é que tu achas que se faz com a família?

C: Partilhar..

Cátia: partilhar, mais?

C: Empréstimo coisas aos outros...

Cátia: Empréstimo? Empréstimo coisas à tua família? Aos teus irmãos, à tua mãe...

C: Eu não fiz braços (desviou-se da pergunta)

Cátia: Não faz mal. Olha...e o que achas que se faz com, o que é que fazes com os teus irmãos?

C: Eu br... não, a Bruna mas a Bruna é alta, é grande.

Cátia: Sim, mas o que é que tu costumavas fazer com a Bruna?

C: Nada.

Cátia: Não fazes nada?

C: Não.

Cátia: E com o teu mano?

C: Brinco com ele.

Cátia: E com a Bruna não brincas?

C: Não, sim.

Cátia: É?

C: Eu acho que brinco, não sei.

Cátia: Não sabes? Então e com os teus pai, o que é que tu fazes com os teus pais? Com o teu pai, quando tu estás com ele, o que é que costumam fazer?

C: Pinto com ele

Cátia: Pintas e mais?

C: Ah brinco com ele...

Cátia: Sim...

C: Ah..

Cátia: E mais, C? Então e...

C: Ele assegura-me ao colo...

Cátia: Segura-te ao colo, sim... Mais? Mais alguma coisa?

C: Ele vai passear comigo...

Cátia: Vai passear contigo... E com a mãe, o que é que tu costumavas fazer com a mãe?

C: Ajudo a mãe

Cátia: Sim...Ajudas a fazer o quê?

C: Eu ajudo a fazer o jantar.

Cátia: Sim e mais?

C: Como sozinha...

Cátia: Comes? Que bom, que crescida!

C: Ah...

Cátia: E mais C? C, então e achas que a família é importante?

C: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Sim? Porquê?

C: Ah...

Cátia: Porquê?

C: Não sei.

Cátia: Achas que é importante? Ou não?

C: Sim

Cátia: Porque é que achas que é importante?

C: Porque é giro...

Cátia: É giro viver em família?

C: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: E mais? Porque é que achas que é importante, mais?

C: O que é que está aqui escrito?

Cátia: É o que eu te estou a perguntar. Porque é que achas que a família é importante?

C: Hmmmm, porque a família é gira.

Cátia: É gira? Está bem. Então e para que é que tu achas que serve o pai?

C: Para passear.

Cátia: Para passear. E a mãe, para que é que serve a mãe?

C: Para ajudar.

Cátia: Para ajudar. E os irmãos?

C: A Bruna, a Bruna desarruma o quarto, mas arruma. O Irmão ajuda-me a arrumar.

Cátia: É? Ajuda-te? Então o irmão serve para ajudar...

C: E a mãe também.

Cátia: E a mana, serve para quê?

C: A mana...

Cátia: Serve para quê, C?

C: hmmm, serve para desarrumar o quarto.

Cátia: Está bem. Então e os avós, para que é que servem os avós?

C: Ah, a avó está doente...

Cátia: E o que é que ela costuma fazer?

C: Costuma deitar-se na cama e e e vai pa longe

Cátia: E contigo, o que é que ela faz?

C: Comigo lá longe?

Cátia: Contigo, o que é que costumás fazer com a tua avó?

C: Costumo de brincar, arrumar...

Cátia: Então e achas que... o que é que a avó faz em casa?

C: Faz o jantar pa mim



Cátia: É?

C: Eu ajudo também a avó.

Cátia: E com a tua família, o que é que costumas fazer? Todos juntos, tu, o mano, a mana e a mãe?

C: Não sei

Cátia: Sabes... Então pensa lá um bocadinho...

C: A mãe costuma tar em todo o lado... Eu costumo passear...

Cátia: Com a família? Todos juntos? Tu, a mana, a mãe e o mano? Todos juntos, costumam passear?

C: Sim.

Cátia: E mais? O que é que costumam fazer mais, todos juntos?

C: Ah....

Cátia: Não te lembras de mais nada?

C: Não.

Cátia: Está bem, obrigada.



Imagem 4 – desenho da criança D

### **Transcrição da entrevista**

Cátia: Então D, fala-me um bocadinho do teu desenho. Quem é que tu desenhaste no teu desenho? Quem é que tu fizeste?

D: A mãe, a mana, o pai e eu.

Cátia: E tu. Então e quem é que é a tua família?

D: A mãe, o pai, a mana e eu.

Cátia: São os quatro. A mana que ainda está onde?

D: Da barriga.

Cátia: De quem?

D: Da mãe.

Cátia: Da mãe, muito bem. Então e D, como é que tu tratas o pai?

D: Bem.

Cátia: Quando tu o queres chamar, como é que tu dizes? Como é que tu chamas o teu papá? Quando o queres chamar, como é que dizes?

D: Pai, posso ir..

Cátia: É por pai que o tratas?

D: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: É? Então e a mãe? Como é que tratas a mãe?

D: Mãe.

Cátia: Mãe? Boa! E a mana?

D: Mãe.

Cátia: Não percebi...

D: Mãe..

Cátia: Mãe? A mana também tratas por mãe?

D: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Porquê?

D: Porque ela tá dentro da barriga da mãe.

Cátia: É verdade... Porque ela tá dentro da barriga da mãe. Então e o que é que tu achas que se faz com a família?

D: Beijinhos...

Cátia: Dar beijinhos...

D: E abraços

Cátia: E abraços. É o que tu fazes com a tua família, é?

D: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Boa! E com os irmãos? O que é que tu achas que se faz com os irmãos?

D: Gosta muito deles.

Cátia: Gostas muito... Gosta-se muito deles? Os irmãos gostam uns dos outros, é?

D: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Tá bem. E achas que a família é importante?

D: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Achas que sim? Porquê?

D: Porque eles estão juntos.

Cátia: Porque eles estão juntos? E mais? Porque é que achas que a família é importante? Porque estão juntos e mais?

D: Porque eles estão alegres.

Cátia: Porque eles ficam alegres? Estão alegres?

D: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Mais alguma coisa? Que aches que a família é importante?

D: Porque ela gosta muito de mim.

Cátia: A tua família gosta muito de ti? Que bom, não é? É muito bom... Mais alguma coisa? A família é importante... Porquê?

D: Porque...

Cátia: Porquê, D?

D: Porque dá abraços...

Cátia: Porque dá abraço e porque gosta muito de ti... Então e para que é que achas que serve o pai?

D: Para gostar...

Cátia: Para gostar, mais?

D: E a mãe...

Cátia: Espera, o pais, o que é que o pai faz em casa, o que é que ele costuma fazer em tua casa?

D: à noite vai teinar.

Cátia: Vai treinar

D: e depois....

Cátia: O que é que o pai faz mais em casa?

D: Depois eu mais a minha mãe vamos lavad.

Cátia: Vão quê?

D: Lavad.

Cátia: Lavar?

D: E depois vestir o pijama e depois ir para a cama.

Cátia: Então para que é que serve a mãe? O que é que a mãe faz em casa?

D: Pois come e lava a loiça.

Cátia: Lava a loiça.. e quem é que cozinha na tua casa?

D: O pa... a mãe...

Cátia: É a mãe? E o pai, ajuda a mãe?

D: Acenou que não com a cabeça.

Cátia: Não? Hmmm. E tu, ajudas a mãe?

D: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Ajudas? Boa! Então e para que é que tu achas que servem os irmãos?

D: Ajudam as mães

Cátia: Ajudam as mães...Mais?

D: Os pais...

Cátia: Os pais...

D: E as avós.

Cátia: E as avós... Então e já que me falaste de avós, o que é que tu achas, para quê que sa... para quê que servem os avós? O que é que os avós fazem?

D: Gostem de mim

Cátia: Gostam de ti... E o que é que eles fazem em casa?

D: Vão a um sitio depois compem uma psp.

Cátia: Compram uma psp?

D: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Ah, muito bem. Olha, e o que é que tu fazes com a tua família? O que é que tu gostas de fazer com a tua família?

D: E pois quando a mana nascer eu vou dar a cadeira dela.

Cátia: Quando a mana nascer vais-lhe dar a cadeira? A tua cadeira?

D: Acenou que sim com a cabeça

Cátia: É a cadeira de bebé?

D: E depois um carro como tá aqui vameio.

Cátia: Ah, um carro vermelho como está aqui no desenho. Muito bem!

D: Que é esse aí.

Cátia: Que é esse... Olha e o que é que tu fazes com a tua família?

D: Eu gosto dela

Cátia: Gostas dela, mas tu brincas com a tua família? Costumam... Sim?

D: E canto...

Cátia: E cantas?

D: No outo dia, quando o meu pimo estava cá, o meu pai mascarou-se.

Cátia: Mascarou-se? Ai que giro!

D: E cantou...

Cátia: E cantou? Foi no carnaval?

D: Foi em casa..

Cátia: Ah, foi em casa. Muito bem! Está bem, D. Obrigada!



Imagem 5 – desenho da criança E

### Transcrição da entrevista

Cátia: Então E, fala-me um bocadinho do teu desenho.

E: Do quê?

Cátia: o que é que tu fizeste aí no teu desenho?

E: Fiz a o pai, a tia...

Cátia: Quem é a tia? Como é que se chama?

E: Tia Paula.

Cátia: Sim...

E: A bi... A minha irmã, chama-se Bia. A minha mãe

Cátia: Sim...

E: O meu primo e eu.

Cátia: o teu primo B e tu... Então e quem é que é a tua família? São estas pessoas todas?

E: Não.

Cátia: Então, quem é a tua família?

E: O pai.

Cátia: Sim

E: A mana.

Cátia: Sim.

E: A mãe.

Cátia: Sim

E: E eu.

Cátia: São os... São vocês? Então porque é que desenhaste aqui a tua tia Paula, o primo... E o primo B?

E: Porque eu gosto... deles.

Cátia: Gostas muito deles? Hm. Olha, então e como é que tu tratas o teu pai?

E: Ajudo ele...

Cátia: Não, o que é que tu... Como é que tu o chamas? Como é que tu chamas ao teu pai?

E: Pais.

Cátia: É? E à tua mãe?

E: Mãe.

Cátia: E à tua irmã?

E: Mana.

Cátia: Mana? Boa! Então e o que é que tu achas que se faz com a família?

E: Brinca, ajudo a mãe e o pai

Cátia: A fazer o quê?

E: A arrumar as coisas e ajudo a arrumar a roupa e e lavar o chão.

Cátia: Lavar o chão. Então e e com com os teus pais e com o teus irmãos, com a tua irmã, o que é que vocês costumam fazer todos juntos?

E: Com a minha irmã? Todos juntos? Brincamos,

Cátia: E a que é que gostam de brincar?

E: Aos pais e às mãe como a casinha, jogamos a jogos e brin e brincamos com jogos.

Cátia: Então e achas que a família é importante?

E: Ah, sim.

Cátia: Porquê?

E: Porque vão muito passear com os meninos

Cátia: Passeiam muito com os filhos?

E: Sim...

Cátia: E mais?

E: vão ao jardim, vão às compras, vão fazer ginástica...

Cátia: Então achas que é por isso que a família é importante?

E: Sim.

Cátia: Então e diz-me lá para que é que serve o pai.

E: O pai para trabalhar

Cátia: Sim...

E: ah

Cátia: E mais?

E: Para ir às compras

Cátia: Para ir às compras. Mais alguma coisa? Mais o quê?

E: Pa ir ajudar os amigos.

Cátia: Ajudar os amigos de quem?

E: Ah, uns qualqueres.

Cátia: Uns amigos dele, é isso?

E: Sim.

Cátia: Hmmm, ok. Então e a mãe, para que é que serve a mãe?

E: A mãe brin, trabalha também, vai às compras comigo, brinca comigo, vai passear comigo, vai ao jardim comigo e vai passear comigo.

Cátia: Hm, Então e a tua mana, para que é que servem os irmãos?

E: Os irmãos. A minha mana serve para jogar comigo a jogos, à tablet dela e da minha.

Cátia: À quê?

E: À tablet e ao computador. A e eu brinco muito com ela e dou comida aos animais mais ela a, trato dos animais e trato da minha mãe.

Cátia: Foi por isso que tu desenhaste aqui os teus animais?

E: Sim, mas eu não tenho só estes debaixo.

Cátia: Não tens só esses?

E: Tenho só estus.

Cátia: Ah, só tens esses, animais. Está bem. Então e os avós, para que é que servem os avós.

E: A minha ti, primeiro as tias.

Cátia: Está bem, primeiro as tias.

E: As tias servem para... para tomar conta dos meni, dos, dos sobrinhos e para tomar conta das sobrinhas.



Cátia: Das sobrinhas e dos sobrinhos. E os avós? Para que é que servem os avós.

E: Serve, a avó serve para me fazer bolos e o avô serve para, para trabalhar.

Cátia: Para trabalhar. Então e o que é que tu fazes com a tua família?

E: Com a minha família, arrumo a casa, brinco ahmm, e...e...e... eles também...

Cátia: O que é que tu fazes com a tua família, a pergunta era esta.

E: Faço. Lavo a casa, brincamos, jogos, tablet e computador.

Cátia: É? Brincam, então? E diz-me uma coisa. Os teus pais trabalham no camião, não é?

E: Sim.

Cátia: E quando os teus pais estão no camião, tu ficas com quem?

E: Com a tia.

Cátia: É? Ficas com a tia Paula?

E: Sim.

Cátia: E a tia Paula tem filhos?

E: Tem.

Cátia: Quem são os filhos da tia Paula?

E: Só um, que é o meu primo.

Cátia: Ah, o teu primo Rafael...Muito Bem! Está bem, ok. Obrigada E!



### **Transcrição da entrevista**

Cátia: Então F, fala-me lá do teu desenho...

F: Ahmmm, ahmmm fui à casa com o pai, uma casa nova.

Cátia: Não, aqui no desenho. Quem é que tu desenhaste?

F: A mãe, o pai e eu.

Cátia: A mãe, o pai e tu. E quem é a tua família?

F: É a mãe e o pai.

Cátia: A mãe e o pai é, é, são a tua família. Então e quando... como é que tu tratas o pai?

F: Bem.

Cátia: Bem. E quando tu o queres chamar, como é que tu dizes?

F: ahmm, chamo pai.

Cátia: Chamas pai. E a mãe?

F: É mãe.

Cátia: Chamas mãe. Então e os irmãos? Tu tens irmãos?

F: Não!

Cátia: Não, pois não, desculpa! Ah, então e o que é que tu achas que se faz com a família?

F: Brinca-se

Cátia: Brinca-se, mais?

F: Ahm, eu não sei mais.

Cátia: Não sabes mais? O que é que tu fazes mais com a família? O que é que tu achas que se faz mais? Pensa na tua família... O que é que tu achas que se faz mais? Não te lembras?

F: Não.

Cátia: Então e o que é que tu achas que se faz com os pais?

F: Ah, não sei também.

Cátia: Não? Achas que a família é importante?

F: Sim.

Cátia: Sim, porquê?

F: Porque assim não não tinha nada.

Cátia: Não tinhas mais ninguém, se não tivesses família, era? E mais? Mais alguma coisa?

F: Ah, não sei mais.

Cátia: Não sabes mais. Então e para que é que tu achas que serve o pai?

F: Ah, pa ir trabalhar

Cátia: Para ir trabalhar... E em casa?

F: Em casa para trabalhar no computador

Cátia: É? E a mãe, para que é que serve a mãe?

F: Às vezes vai bincar comigo.

Cátia: Sim... Brinca contigo, e mais?

F: Faz coisas comó pai, como eu disse agora.

Cátia: Que coisas?

F: Trabalha no computador tabem.

Cátia: Também? E mais?

F: E depois a minha mãe vai pó trabalho

Cátia: É? E em casa, o que é que a mamã faz mais?

F: Vai ao parque comigo

Cátia: Ao parque contigo, boa! E mais?

F: E vai mais ao jardim.

Cátia: Ao jardim, muito bem! Então e F, para que é que achas que servem os avós?

F: Ahm, para tomar conta dos filhos quando os os pais tão a trabalhar.

Cátia: Boa! É o que os teus avós fazem? Quando os teus pais estão a trabalhar os avós tomam conta de ti? E o que é que costumam fazer com eles?

F: Eu também, eu tenho primas.

Cátia: Mas com os avós o que é que costumam fazer?

F: Tão lá as primas e depois brinco com elas.

Cátia: Ah, ficam todos em casa dos avós, tu e as tuas primas?

F: (Acenou que sim com a cabeça).

Cátia: Hmmm, muito bem. Então e o que é que tu fazem em família?

F: Não sei

Cátia: Não sabes? Pensa lá um bocadinho. O que é que tu fazes em família

F: Ahm, Vou passear.

Cátia: Vais passear e mais?

F: Ahm, não sei mais.

Cátia: Não sabes mais? Está bom. Obrigada, F.



### **Transcrição da entrevista**

Cátia: Então G, fala-me lá do teu desenho.

G: Gosto da mãe...

Cátia: Do teu desenho, quem é que tu desenhaste?

G: O pai...

Cátia: Desenhaste o pai, mais?

G: A mãe...

Cátia: A mãe, e...

G: E eu.

Cátia: E tu, muito bem. Então e quem é a tua família?

G: É a avó, a mãe, o pai e eu.

Cátia: Então e quando tu queres chamar o pai, como é que dizes?

G: Pai, vem aqui se faz favor.

Cátia: Pai, vem aqui se faz favor. E a mãe?

G: Mami, vem aqui se faz favor.

Cátia: É mami que tu dizes?

G: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Boa! Então mas tu não tens irmãos, pois não?

G: Acenou que não com a cabeça.

Cátia: Não. Então e o que é que tu achas que se faz com a família? O que é que tu gostas de fazer com a tua família?

G: Gosto de ir passear com ela.

Cátia: Mais?

G: Gosto de ir pá praia com ela.

Cátia: Passear, para a praia. Mais?

G: E gosto de ir nos carrosséis com ela.

Cátia: Nos carrosséis? Boa! Então e achas que a família é importante?

G: Acho.

Cátia: Achas? Porquê?

G: Porque...

Cátia: É importante. Porquê? Vamos lá G. A família é importante. Porquê?

G: Porque...

Cátia: Achas que dentro da família as pessoas gostam umas das outras?

G: Sim.

Cátia: Sim. A tua família gosta de ti? E tu gostas da tua família?

G: Sim.

Cátia: Sim, então e porque é que achas que é importante?

G: Porque...

Cátia: Diz lá...

G: A família é importante para mim porque eu gosto dela e a minha mãe gosta de mim e o meu pai também.

Cátia: Então e para que é que achas que serve o pai?

G: O pai...

Cátia: O que é que ele costuma fazer?

G: faz bolo e também faz pão

Cátia: É? E mais?

G: Ajuda a mãe.

Cátia: Ajuda a mãe, boa!

G: E também trabalha.

Cátia: trabalha, boa. E a mãe, para que é que serve a mãe?

G: A mãe, ela brinca comigo, ela faz pituras comigo

Cátia: Faz quê?

G: Faz pinturas!

Cátia: Pinturas, brinca, faz pinturas.

G: Ela faz... Vê um bocadinho de televisão comigo quando tem tempo, quando é fim de semana...

Cátia: Sim

G: Também ela dá-me banho.

Cátia: Dá-te banho? Boa! Então e os avós, para que é que servem os avós?

G: Dão-nos prendas...

Cátia: Mais? Mais, para que é que servem os avós?

G: os avós dão prendas...

Cátia: Mais?

G: Elas também gostam de nós e eu gosto dela.

Cátia: É? Boa! Então e o que é que tu fazes com a tua família?

G: Vamos passear...

Cátia: Sim.

G: E também vamos brincar.

Cátia: Brincam todos juntos?

G: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Boa! Obrigada, G.



Imagem 8 – desenho da criança H

## Transcrição da entrevista

Cátia: Então H, fala-me lá um bocadinho do teu desenho. Quem é que tu desenhaste?

H: A mãe, o pai, o o o irmão e eu.

Cátia: Boa! Então e quem é a tua família?

H: O João.. Aí. A minha mãe, o meu irmão...

Cátia: O teu irmão que se chama...

H: Tiago.

Cátia: Tiago. Mais?

H: E sou eu.

Cátia: Desculpa, volta lá a repetir quem é a tua família...

H: A minha mãe.

Cátia: Sim.

H: O meu pai.

Cátia: Sim.

H: O Tiago.

Cátia: Sim.

H: E eu.

Cátia: Boa! Então e quando tu queres chamar o pai, como é que tu o tratas?

H: Pai do coração.

Cátia: É? Tu dizes pai do coração?

H: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Então e a mãe?

H: A mãe também

Cátia: Também? Como é que é?

H: Mãe do coração também.

Cátia: Mãe do coração. E o Tiago? Como é que tu lhe dizes?

H: Só Tiago!

Cátia: É?

H: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Muito bem. Então o que é que tu achas que se faz com a família?

H: Dá-se comida...

Cátia: Dá-se comida, mais?

H: hmmm, dá-se almoço...



Cátia: Sim...

H: A mãe diz para deitar-se na cama...

Cátia: Sim...

H: Hmmm...

Cátia: O que é que tu achas que se faz mais com a família?

H: Num sei.

Cátia: Então o que é que tu achas que se faz com os pais?

H: Ahmm, compam coisas para os filhos e para os manos.

Cátia: É? E com os irmãos? O que é que se faz com os irmãos?

H: Tem de se emprestar as coisas dos irmãos...

Cátia: Tem de se emprestar as coisas, muito bem! Achas que a família é importante?

H: Sim.

Cátia: Porquê?

H: Porque não são más.

Cátia: Não são más as famílias... E mais?

H: Num sei.

Cátia: Não sabes? Então e para que é que achas que serve o pai?

H: Lava as coisas

Cátia: Lava as coisas? Que coisas?

H: Lava os pratos...

Cátia: Sim...

H: Os biberões.

Cátia: Mais?

H: também tá doente.

Cátia: Está doente? Mas para que é que serve?

H: Não sei...

Cátia: E a mãe? Para que é que serve a mãe?

H: Passa a ferre..

Cátia: Passa a ferro, mais?

H: Também diz para se deitar na cama ao Tiague e a mim.

Cátia: É a mãe que vos vai deitar na cama?

H: Sim.

Cátia: E mais?

H: Não sei.

Cátia: Então e para que é que servem os irmãos?

H: Fazem as coisas para os bebés.

Cátia: Sim, mais?

H: Os irmãos diz pa não mexer nada dos irmãos. Quando eles querem meus, podem mexer, eles mexem mas eles dizem que não “Não mexam”.

Cátia: Ok. Então e para que é que servem os avós?

H: É pa fazer a pápa.

Cátia: Sim, fazem a pápa, os avós. E mais?

H: Hmmm, não sei.

Cátia: Não sabes? Para que é que tu achas que servem os teus avós?

H: Vão-me pôr a casa, da minha mãe e do meu pai.

Cátia: Vão-te lá pôr?

H: Sim.

Cátia: Então tu costumavas estar em casa dos avós?

H: Sim.

Cátia: E depois eles levam-te... O que é que costumavas fazer em casa dos avós?

H: Ah, brinco, ou lá para fora...

Cátia: Para o quintal? Tem quintal?

H: O meu avô também vai vender peixe.

Cátia: Então e a avó?

H: Fica em casa...

Cátia: A fazer?

H: A fazer aquelas coisas, a preparar o jantar.

Cátia: E mais?

H: Não sei.

Cátia: Está bem. Então e o que é que tu fazes com a tua família?

H: Brinco também...

Cátia: Brincas...

H: Vou para o quintal, também tenho um quintal...

Cátia: Sim...

H: E vou dormir...

Cátia: Sim...

H: Visto a roupa e a seguir vou para a escola.

Cátia: Mais? E quando estás com a tua família, o que é que costumam fazer?

H: Ah, hmmm, não sei agora...

Cátia: Não te lembras? Pensa lá um bocadinho.

H: hmmmm....

Cátia: O que é que costumam fazer com a mãe, com o pai e com o Tiago?

H: Eu brinco com o meu irmão.

Cátia: Sim...

H: Não sei mais nada...

Cátia: Não? Está bem. Obrigada, H!

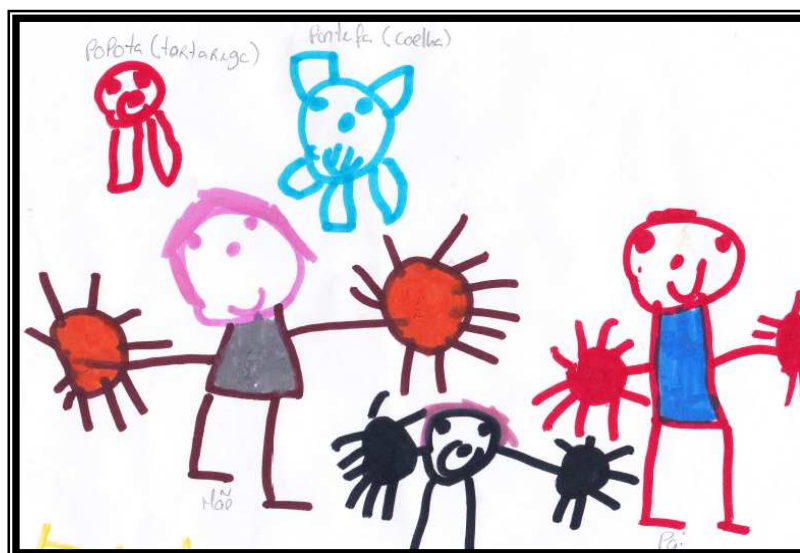


Imagem 9 – desenho da criança I

### Transcrição da entrevista

Cátia: Então I, fala-me um bocadinho do teu desenho. Quem é que tu desenhaste?

I: É a mãe, eu e o pai, a Popota e a coelha.

Cátia: Como é que se chama?

I: Pantufa.

Cátia: Olha, quem é a tua família?

I: É a mãe, o pai, a I e o pai e e a mãe e a tartaruga e a Pantufa.

Cátia: E como é que tratas o pai? Quando o queres chamar, como é que tu dizes?

I: Pai

Cátia: E a mãe?

I: Mãe.

Cátia: Tu tens irmãos?

I: Tenho.

Cátia: Quem são?

I: O Daniel, o Jorge, a Lia e a Luana.

Cátia: O Daniel e o Jorge são irmãos de quem?

I: Meus.

Cátia: Da tua...

I: Mãe.

Cátia: Ahhh. Não são teus... Tu tens irmãos?

I: Tenho...

Cátia: Diz a verdade.

I: Não. As minhas primas é que são as minhas irm...

Cátia: Ah, tens primas, primas é diferente, está bem? Olha e o que é que tu achas que se faz com a família?

I: Tratar bem.

Cátia: Tratar bem, e mais?

I: É dizer que a mãe é bonita.

Cátia: Dizer que a mãe é bonita. Mais, com a família? O que é que se faz com a família?

I: Toda a gente é bonito.

Cátia: Está bem. Então o que é que tu achas que se faz com os pais?

I: Portar bem, senão os pais ralham.

Cátia: Portar bem com os teus pais, sim e o que é que achas que se faz com eles?

I: Portar bem.

Cátia: Portar bem, está bem. E com os irmãos? O que é que se faz com os irmãos?

I: Portar bem

Cátia: Oh e mais? Achas que se brinca com os irmãos?

I: Não, os irmãos são grandes, não têm brinquedos.

Cátia: Então mas a tua não brinca contigo?

I: Brinca...

Cátia: E é pequenina, a tua mãe?

I: Não...

Cátia: Ah, então...

I: E sabes? Os irmãos da minha mãe têm um cãozinho que se rifadas.

Cátia: Está bem, então e achas que a família é importante?

I: É...

Cátia: Porquê?

I: Porque sim...

Cátia: Porque sim não é resposta. Porque é que achas que a família é importante?

I: Porque toda a gente gosta de trabalhar

Cátia: E mais?

I: Porque toda a gente gosta de mim.

Cátia: Toda a gente gosta de ti, na tua família? Boa! E para que é que tu achas que serve o pai?

I: Para dar carinhos.

Cátia: Para dar carinhos... e mais?

I: E a mãe também...

Cátia: E a mãe também. E os irmãos, para que é que servem os irmãos?

I: Par nada, eles são uns preguiçosos.

Cátia: São uns preguiçosos? São?

I: São!

Cátia: Então e os avós, para que é que servem os avós?

I: Pa dar carinho também.

Cátia: E mais? Para que é que achas que servem os irmãos?

I: Pa brincar com eles...

Cátia: Os avós, desculpa...

I: Os avós é pa dar carinho.

Cátia: E mais?

I: E depois a mãe vai trabalhar e fico com os avós.

Cátia: Ah, então também tomam conta de ti.... Muito bem. Mais alguma coisa?

I: Não.

Cátia: Então e o que é que costumas fazer com a tua família?

I: Ah brincar com eles.

Cátia: Mais?

I: Dar beijinhos.

Cátia: Mais?

I: Dar carinhos.

Cátia: Mais?

I: E depois nós estávamos em casa, a dormir, chegámos a casa, vestimos o pijama e fomos dormir.

Cátia: É, todos juntos?

I: Sim.

Cátia: Tu dormes com os teus pais?

I: Não.

Cátia: Ok, Obrigada !!



Imagem 10 – desenho da criança J

### Transcrição da entrevista

Cátia: Então J, fala-me um bocadinho do teu desenho.

J: Este é o pai.

Cátia: Como é que se chama o pai?

J: O pai é Albertino.

Cátia: Exatamente!

J: A mãe, chama lizabete.

Cátia: Sim

J: Eu

Cátia: Sim. E aqui?

J: É a minha mana.

Cátia: A tua mana Joana e aqui?

J: Aqui é o meu gato.

Cátia: Aqui o gato, aqui o...

J: Aqui o gato, aqui é o meu cão grande e aqui é o mau cão pequenino.

Cátia: É? E quem é este?

J: É o meu mano.

Cátia: Que se chama...

J: Felipe.

Cátia: Olha, e quem é a tua família?

J: É só esta...

Cátia: É só essa?

J: Sim

Cátia: Essa é a tua família?

J: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Então e como é que tu tratas o teu pai? Quando tu o queres chamar, como é que dizes?

J: Albertino.

Cátia: Albertino? Não dizes pai?

J: Sim, digo.

Cátia: Então como é que dizes quando o queres chamar?

J: Digo pai.

Cátia: Ah, e a mãe?

J: Digo mãe.

Cátia: Então e os teus irmãos?

J: Eu só tenho um irmão.

Cátia: E uma irmã, certo?

J: Certo.

Cátia: Quando tu queres chamar a tua irmã, como é que dizes?

J: Ahhh, irmã.

Cátia: Irmã? Dizes irmã anda cá?

J: Acenou que sim com a cabeça

Cátia: É? E o teu irmão?

J: Irmão.

Cátia: Irmão? Chamas irmão?

J: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Está bem. Então e o que é que tu achas que se faz com a família?

J: Brincar

Cátia: Sim

J: Tirar café

Cátia: Sim

J: E fazer contas

Cátia: Sim, e mais?



J: E dançar.

Cátia: Muito bem. Então e com os pais, o que é que se faz com os pais?

J: Não sei...

Cátia: Diz lá... Com os irmãos, o que é que se faz com os irmãos?

J: Brinco

Cátia: Brincas, mais?

J: Ahmmm, Eles vão, vão, vão.... O Felipe leva-me à festa e mais nada

Cátia: Está bem. Então e achas que a família é importante?

J: Acenou que sim com a cabeça.

Cátia: Sim? Porquê?

J: Não sei.

Cátia: Então, se achas que a família é importante, porque é que achas que é importante?

J: Não sei.

Cátia: Diz lá...

J: Não sei.

Cátia: Olha, para que é que tu achas que serve o pai? O que é que o pai faz lá em casa?

J: Vai dar o almoço

Cátia: Vai buscar o almoço, mais?

J: Ajuda a fazer desenhos.

Cátia: Sim...

J: E mais nada.

Cátia: Está bem. Para que é que serve a mãe?

J: Para cozinhar, ela faz mousses de chocolate.

Cátia: Sim e mais?

J: E faz bolo de bolacha.

Cátia: E os irmãos, para que é que servem os irmãos?

J: Ele me deixa jogar no tablet

Cátia: Sim... Mais?

J: Deixa-me mexer nas coisas deles.

Cátia: Em quê?

J: Deixa-me mexer, saber no quê?

Cátia: Não...

J: Deixa-me mexer nas minhas histórias. Porque eu tenho lá no quarto dele as histórias.

Cátia: Está bem. Então e para que é que servem os avós?

J: Não sei...

Cátia: Para que é que servem os avós?

J: Na sei, não me lembro.

Cátia: Pensa lá um bocadinho...

J: hmmm...

Cátia: Olha, e o que é que tu fazes em família?

J: Em família?

Cátia: Sim...

J: vamos todos juntos...

Cátia: Onde?

J: Passear as cadelas...

Cátia: Passear as cadelas e mais?

J: E... ir ao café e ir buscar um gelado.

Cátia: Sim...

J: E mais nada.

Cátia: Está bem. Obrigada J.

